CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

30 JANEIRO 2014

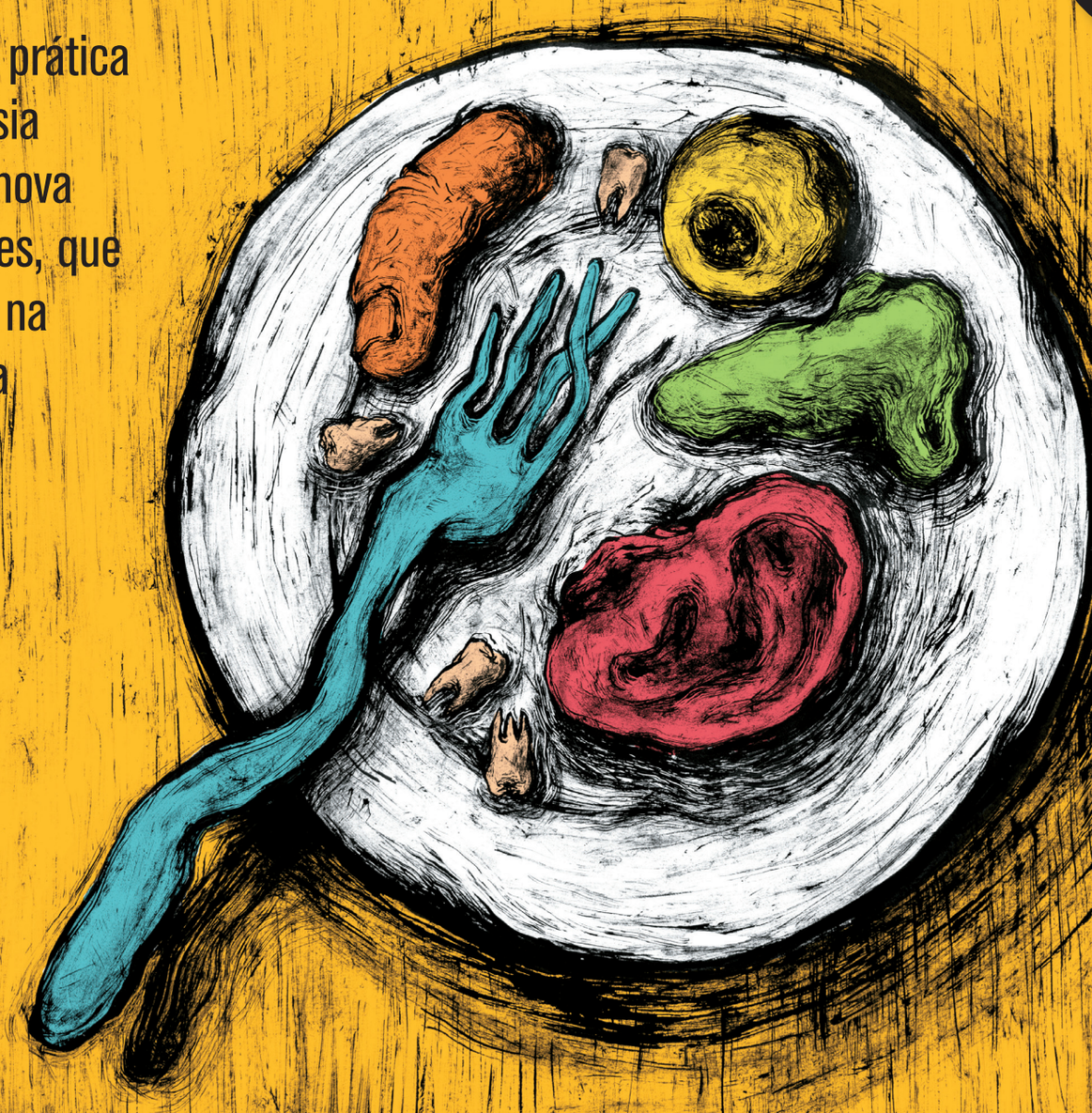
www.candido.bpp.pr.gov.br

Maciel Conrado

Antropofagia local

Leia entrevista e conto de Caetano W. Galindo, um dos ganhadores do Prêmio Paraná de Literatura 2013.

Influenciada pela prática da tradução, poesia paranaense tem nova geração de autores, que segue apostando na transcriação lírica



Entrevista | Evandro Affonso Ferreira • Contos | Dalton Trevisan • Perfil | Bernardo Vilhena

EDITORIAL

A literatura paranaense vive um momento efervescente de sua história. Com uma nova geração de escritores, as duas primeiras décadas dos anos 2000 têm sido pródigas para a cena literária local: diversos autores do Estado têm se destacado nacionalmente, o circuito de feiras e bate-papos se fortaleceu e o mercado editorial de livros e periódicos também ganhou novo fôlego.

Em 2014 o ritmo promete ser intenso, como mostra matéria desta edição a respeito dos novos lançamentos previstos para este ano. Estreantes e veteranos preparam novos livros, o que deve movimentar a cena nos próximos meses, com lançamentos no Paraná e em outras praças.

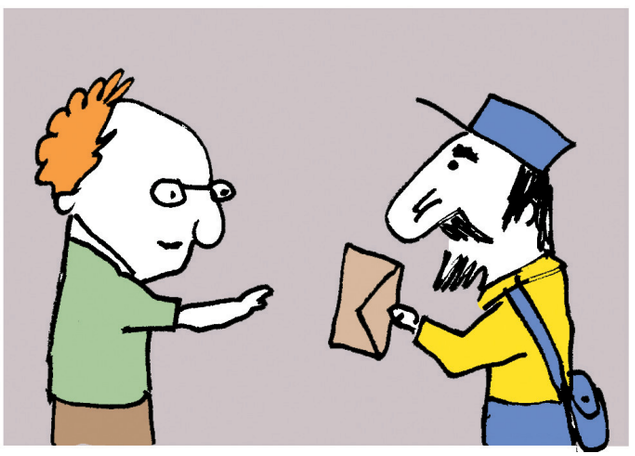
No bojo desta movimentação, a poesia, o gênero literário menos comercial, tem ganhado destaque. O poeta e crítico Ademir Demarchi assina ensaio em que analisa o atual cenário poético do Paraná e sugere pontos de convergência na produção atual. "Uma das características mais interessantes dos poetas paranaenses hoje é a prática tradutória. Há um número expressivo de escritores motivados a deglutir poetas e culturas, numa forma de busca de contaminação e complexização desse eu poético que se manifesta agora", escreve Demarchi, que é organizador da Antologia de Poetas Paranaenses que a Biblioteca Pública do Paraná lança no primeiro semestre deste ano.

A 30ª edição do **Cândido** também traz diversos inéditos, entre eles conto de Caetano W. Galindo, um dos vencedores do Prêmio Paraná de Literatura 2013. Além disso, o jornal adianta a publicação de quatro contos inéditos do próximo livro de Dalton Trevisan, *O beijo na nuca*, a ser lançado em março de 2014.

CARTUM

DAHMER

CARTAS A UM JOVEM POETA



Dahmer

- Uma carta de Rainer Maria Rilke?
- Só se você também estiver devendo dinheiro a ele.

BIBLIOTECA AFETIVA

Cresci no interior de Minas, na casa dos avós: família grande e livros por todo lado. O jornal chegava todo dia. Chegavam também revistas semanais. Para mim o sábado era o dia especial: ir à única banca de revista da cidade comprar e me maravilhar com a *Revista Recreio*. Cada semana uma história com alguma brincadeira ou jogo. Era nas histórias que eu me amarrava. Depois de ouvir Lobato e suas reinações para dormir, surgia ali os mais representativos nomes da nova literatura infantil brasileira: Ruth Rocha, Joel Rufino dos Santos, Ana Maria Machado e principalmente Sônia Robatto, a grande responsável pela publicação. Depois de ler e colecionar a *Recreio*, meu mundo ficou pequeno, os livros tornaram-se inseparáveis.

Rosaly Isabel Senra Barbosa é graduada em Biblioteconomia e Comunicação Social pela UFMG. Trabalhou como bibliotecária na UFMG de 1984 a 2004. Desde então, atua na rádio UFMG Educativa à frente do Programa Universo Literário. É autora, entre outros, dos livros *Em busca de cerejas, nas trilhas de Santiago de Compostela* (2004) e *Otto* (2011). Vive em Belo Horizonte (MG).

Tenho dificuldade de eleger apenas um livro afetivo. São muitos. Fico dividido entre dois: *A divina comédia* e *Dom Quixote*. Eles não são eternos. São permanentes: estão sempre presentes. Quanto mais o tempo passa, mais me convenço de que toda a literatura, em qualquer língua e em qualquer tempo, sempre foi e sempre será metaficcional. Essas duas obras materializam essa crença. Por isso, Dante Alighieri e Miguel de Cervantes são contemporâneos de Rodrigo Petronio. O resto é realidade.

Rodrigo Petronio é escritor e filósofo. Autor, entre outros, dos livros *História natural* (poemas, 2000), *Transversal do Tempo* (ensaios, 2002), *Assinatura do sol* (poemas, Lisboa, 2005), *Pedra de luz* (poemas, 2005) e *Venho de um país selvagem* (poemas, 2009). Vive em São Paulo (SP).

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal
da **Biblioteca Pública do Paraná**

Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.
Estagiárias: Thais Reis Oliveira, Guilherme Magalhães e Mellissa R. Pitta.

Fotografia:
Guilherme Pupo.

Projeto gráfico e diagramação:
Versão Design

Colaboradores desta edição:
Ademir Demarchi, Álvaro Posselt, Amarildo Anzolin, Ana Guadalupe, André Dahmer, Caetano W. Galindo, Dalton Trevisan, Fernando Koproski, Guilherme Gontijo Flores, José Marconi, Marciel Conrado, Marco Aurélio Cremasco, Mauro Faccioni Filho, Renato Faccini, Ricardo Pedrosa Alves, Ricardo Schmitt Carvalho, Ronaldo Cagiano e Solivan Brugnara.

Contato:
imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974
www.candido.bpp.pr.gov.br / www.bpp.pr.gov.br

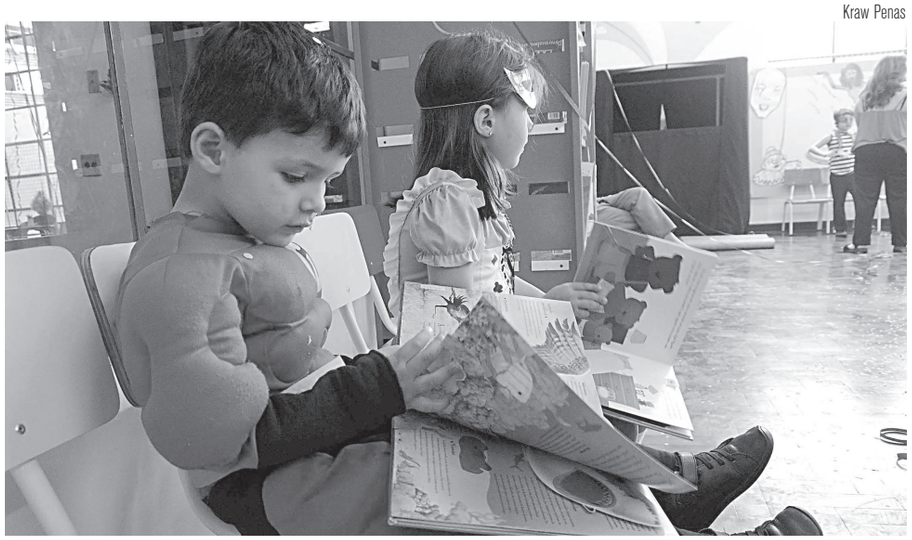
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901| Curitiba – PR
Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h Contato: (41) 3221-4900

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

Gincana estimula a leitura nas férias

Kraw Penas



A Seção Infantil da BPP promove, durante o período de férias escolares, uma gincana de leitura para crianças entre 5 e 12 anos. Entre 12 de janeiro e 28 de fevereiro, estará disponível para empréstimo ou leitura na própria seção um total de dez livros infantis. Após a leitura das obras, cada participante deverá responder um questionário de dez perguntas sobre os livros lidos e, se desejar, realizar trabalhos artísticos na seção para aumentar sua nota. A premiação da gincana acontece em 16 de março, na Seção Infantil, a partir das 15h. Os três primeiros colocados ganharão brindes e troféus, além de um certificado. Mais informações pelo telefone (41) 3221-4980.

Exposição revela bastidores da criação teatral

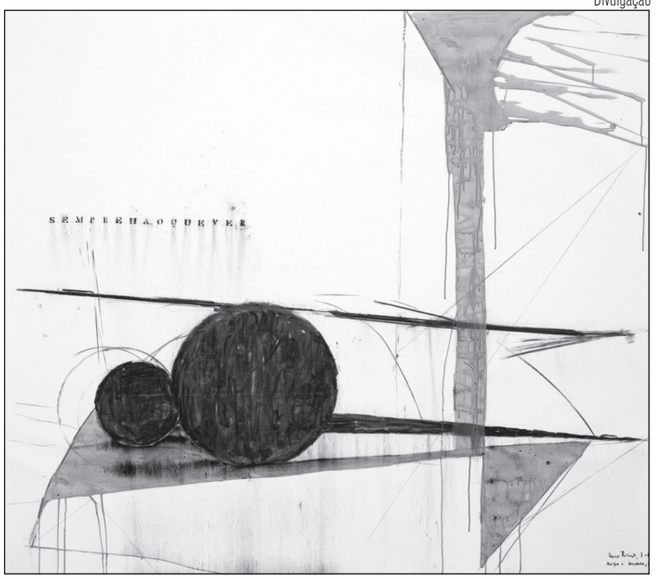
Divulgação

Fica em cartaz até o dia 31 de janeiro, no hall térreo da BPP, a exposição "Babel: o processo de criação teatral", concebida a partir do espetáculo homônimo, encenado na Universidade Tecnológica Federal do Paraná entre os meses de outubro e novembro de 2013. O objetivo da exposição é aproximar o público do processo de montagem de um espetáculo teatral, com fotografias da estrutura cenográfica, da maquiagem, dos figurinos, entre outros elementos.

Notas da Província

Nuno Ramos expõe no MON

Divulgação



O Museu Oscar Niemeyer (MON) recebe, até o dia 30 de março, a exposição "Anjo e boneco", do poeta e artista plástico Nuno Ramos, composta por uma série de desenhos em larga escala, todos feitos em guache, carvão e pastel seco, e um quadro em grandes dimensões, feito com materiais diversos, produzido especialmente para a exposição do MON. O título da mostra é uma referência ao verso "Anjo e boneco: haverá espetáculo", presente em *Elegias de Duíno*, do poeta tcheco Rainer Maria Rilke. Em suas exposições, Nuno Ramos frequentemente dialoga com outros escritores, como Daniel Paul Schreber e João Cabral de Melo Neto. Como escritor, Ramos venceu duas vezes o prêmio Portugal Telecom. Em 2008, *Ó* foi eleito livro do ano, enquanto *Junco*, em 2011, foi consagrado na categoria poesia. Ambos foram publicados pela editora Iluminuras.

Denise Bottmann vence prêmio da Biblioteca Nacional

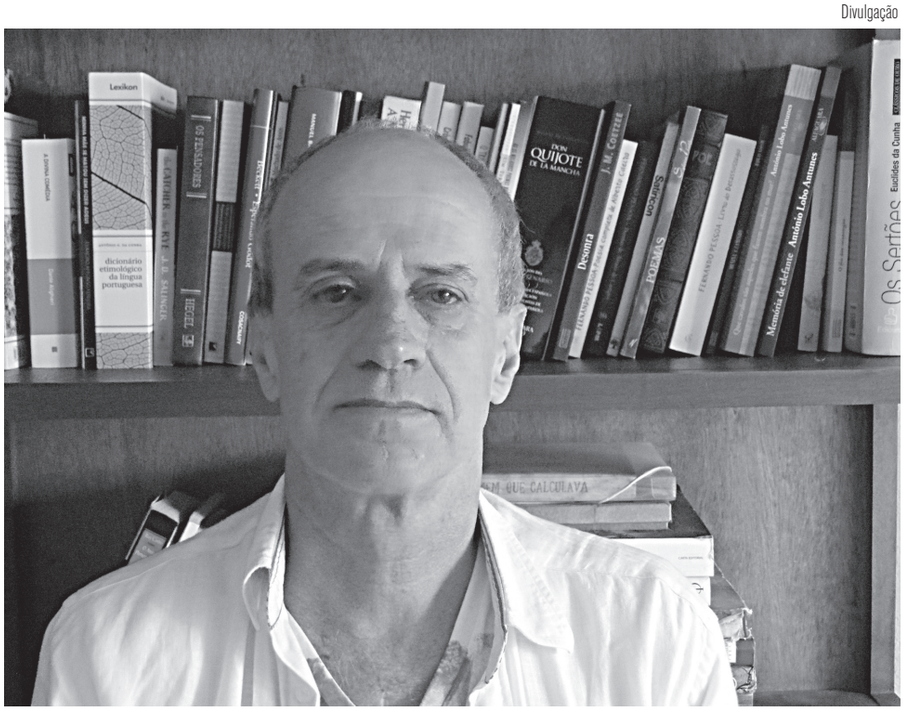
Por sua tradução do clássico *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, para a editora L&PM, a tradutora curitibana Denise Bottmann recebeu o prestigiado prêmio Paulo Rónai de Tradução, concedido pela Biblioteca Nacional. Bottmann é formada em história pela Universidade Federal do Paraná e já lecionou filosofia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como tradutora, verteu para o português diversas obras de crítica literária e ciências humanas, de autores como Robert Darnton, James Wood e Hannah Arendt, entre outros.

ENTREVISTA | EVANDRO AFFONSO FERREIRA

Um inventariante dos espólios afetivos

RONALDO CAGIANO

Divulgação



Ganhador do Prêmio APCA 2012 com *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2011) e do Jabuti 2013 com o romance *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam* (2012), Evandro Affonso Ferreira bateu duas vezes na trave como finalista do Prêmio São Paulo de Literatura com essas obras. Mineiro de Araxá radicado em São Paulo, estreou na literatura após os 40 anos e algumas pontes de safena. Embora não tivesse publicado livros até então, e cursado apenas até o ginasial, a universidade não lhe fez falta, porque a palavra sempre o perseguiu. Por muitos anos trabalhou como redator publicitário, atuando em diversas agências. Como criador, assinou propagandas de importantes empresas nacionais, tendo inclusive colaborado com o *Pasquim* em sua fase áurea.

Foi gerente de livraria e dono de dois sebos, "Sagarana" e "Avalovara", localizados no bairro de Pinheiros em São Paulo, espaços que se converteram em ponto de encontro de amigos, intelectuais e escritores, uma espécie de bunker literário onde, como o próprio autor e proprietário gostava de propalar, só vendia alta literatura.

Ligado visceralmente à palavra, outra faceta de Evandro é o trabalho que vem realizando, há anos, ao explorar o diversificado universo do nosso idioma. Como um escafandrista, meio arqueólogo e Quixote, garimpou em seu léxico pessoal cerca de três mil palavras sonoras, no que considera seu dicionário particular.

Autor de obras originais, privilegiando uma acurada pesquisa de linguagem e com uma prosa de atmosfera com requintes metalinguísticos, Evandro criou uma matriz literária bastante peculiar e desconcertante, realizando uma espécie de estética do desassossego. Daí resultam o minimalismo estiloso dos contos de *Grogotó* (2000) e a temática escatológica e de construção refinada dos romances *Araã!* (2002), *Erefuê* (2004), *Zaratempô* (2005) e *Catrâmbias* (2006). Por esse conjunto recebeu de Millôr Fernandes o epíteto de "o vivificador das palavras", genializando suas extrações do aluvião vernacular.

Sua estreia deu-se depois dos 40 anos com *Bombons recheados de cicuta*, que saiu por uma pequena editora, cujos textos mesclavam humor, ironia e os *insights* do publicitário, mas já se anteviam certas peculiaridades que marcariam seus livros futuros. Por que demorou tanto a mostrar seu trabalho?

Minhas indecisões são congênitas — mais antigas que aquelas pinturas rupestres que aparecem nas grutas de Altamira ou Dordonha. Guardei durante muitos anos neutralidade literária: fiquei entre o humor e o drama. Até que finalmente inclinei-me, sem abalos nem traumas, para o miniconto entrando de vez para a literatura digamos séria lançando o referido *Grogotó*!

Os títulos de seus dois últimos livros e a própria linguagem contrastam com o que você vinha produzindo nos últimos doze anos. Como se deu essa reviravolta no seu processo criativo?

Costumo dizer que minha literatura se divide entre antes e depois de *Minha mãe se matou sem dizer adeus*: no começo, me preocupava com a vida da palavra; agora, com a morte do homem.

No final dos anos 1990 você reunia aos sábados, numa livraria da Vila Madalena, alguns escritores, entre novatos e veteranos, para discutir literatura e trocar experiências criativas, dando origem ao grupo que Nelson de Oliveira mais tarde batizaria como Geração 90. Fale sobre essa fase na sua carreira.

Nessa época havia criado o Sagarana — sebo que ficava no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Livraria minúscula, mas o acervo era de muita qualidade literária. Sempre soube que uma pedra grande não cai mais depressa que uma pedra pequena. Um belo dia entrou nele o querido Marcelino Freire. Conversa vai, conversa vem, decidimos montar um grupo de escritores. Bate-papo todo sábado das 4 às 6 da tarde. Local? Livraria da Editora Hedra — Vila Madalena. Sei que a coisa foi crescendo de tal maneira que um escritor convidado ia convidando outro para o sábado seguinte. Conclusão: em menos de um ano o grupo era formado por mais de vinte escritores. Todos hoje muito conhecidos da mídia.

A experiência pessoal e dilacerante com a morte de uma irmã, que padecia de uma doença terminal, foi *leitmotiv* de um de seus livros mais pungentes e que também traz outra característica de sua obra: o diálogo não apenas com a sua memória afetiva como também com diversos autores e com a própria literatura. Você considera que está fazendo autoficção?

Já escrevi sobre quase tudo, quase todos, inclusive eu. Sei que meus narradores olham o mundo (tal qual Nietzsche) com muita suspeita, além de viver num istmo entre a solidão e a morte.

Em *Minha mãe...* e *O mendigo...* você passa a se preocupar menos com a linguagem e mais com a história, obras que surgiram numa fase crucial de sua vida, com um contato mais íntimo com a realidade humana e social. Você os escreveu a partir de uma mesa num café de um shopping paulista. Como se deu esse processo?

Conforme já disse, passei a me preocupar mais com a morte do homem. Talvez esta seja a verdadeira resposta para a pergunta anterior: estou falando de mim mesmo, da própria velhice, esperando, inútil talvez, que a solidão se consuma "*eo ipso*", através de si mesma com a chegada da morte. Possivelmente falo (nos meus últimos livros) da decrepitude dos outros para se esquecer da própria bancarrota. Jeito quem sabe de deixar as próprias derrocadas menos danosas.

Para a óbvia pergunta dos debates e oficinas que ministra, você tem respondido que o papel do escritor é o A4, mas apesar do chiste, você acredita na função primordial da literatura neste mundo e tempo que privilegiam mais o "ter" do que o "ser"? Há lugar para ela hoje em dia, quando as editoras estão mais regidas pela idolatria do deus mercado do que pelo próprio valor de uma obra?

Escritor modo geral deve seguir em frente solitário feito Antígona ou Fausto ou Hamlet ou Tristão. Pouco preocupado em transformar precipícios em planícies. Deve se colocar sempre num ângulo privilegiado onde é possível flertar com a inquietude. Neca neres de cair nas armadilhas da fama e dos tapinhas nas costas. Escrever e escrever mesmo sabendo que somos náufragos sem possibilidade de resgate.

Que autores fazem parte do seu cânone ou são seus gurus literários? Que livro mais o perturbou?

Gosto do Bruno Schulz, do Cornelio Penna e da Hilda Hilst, entre outros. O livro que mais me perturbou foi *Ascese,* de Nikos Kazantzakis.

Sabemos que na literatura, principalmente pela crítica e pela mídia, há muitas injustiças, silêncios e negligências que sepultam obras e autores, enquanto há muita mediocridade incensada. Cite uma grande obra ou grande autor esquecido e que merece ser resgatado.

A menina morta, de Cornelio Penna.

Não se vê mais hoje o crítico literário nos jornais, apenas resenhas que pouco aprofundam sobre os livros, ficando a boa crítica restrita aos meios acadêmicos. Você acha a crítica necessária?

Até hoje não descobri se passarinho precisa de ornitólogo para voar.

Hoje a literatura vem sendo amplamente produzida em *blogs*, revistas eletrônicas e outros suportes. Como você vê, ou avalia, a função da internet nesse processo?

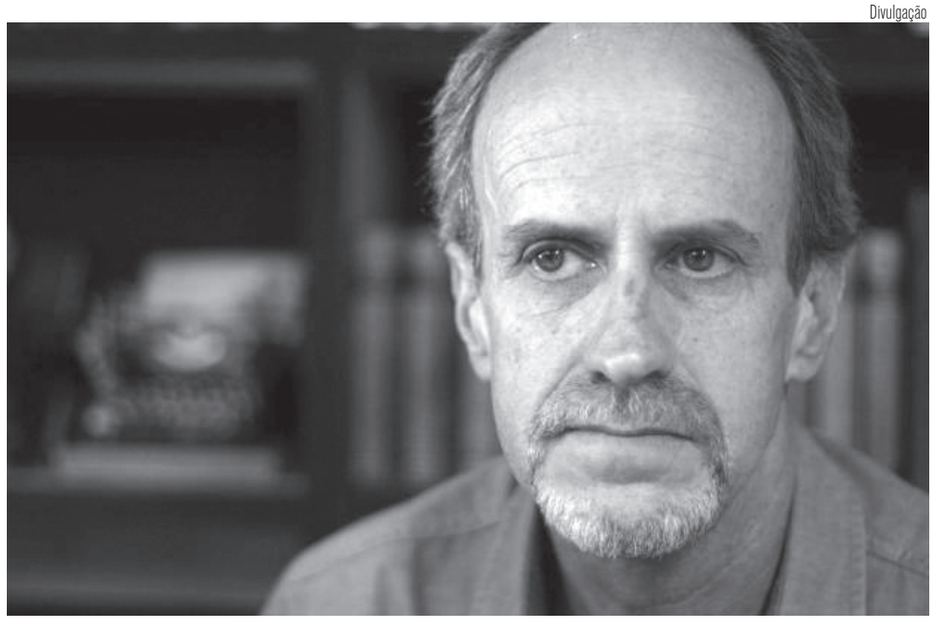
Não acompanho nada: sou desplugado. Ser pré-socrático.

Que balanço você faz do atual cenário da produção literária brasileira (ficção e poesia)?

Acho que não devemos ser implacáveis feito aquela bula "*summis desiderantes*" — popularmente conhecida no século XV como o canto de guerra do inferno. Mandavam todos para a fogueira, implacavelmente.

ENTREVISTA | EVANDRO AFFONSO FERREIRA

Divulgação



Qual o saldo que você faz de sua carreira? E o que o leitor pode esperar de sua produção para os próximos anos?

Quando escrevo, dou o máximo de mim; espero que o leitor faça o mesmo quando me lê. Meu próximo livro, a sair pela Record em 2014, chama-se *Nunca houve tanto fim como agora.*

Em suas obras há uma forte marca da intertextualidade, a presença de um diálogo (in)tenso e dialético com diversos autores e outras artes e um flerte com a filosofia. Em seu próximo livro há também esse trânsito?

Próximo livro começa com o seguinte parágrafo: VEM, LUMINOSA ANTÍGONA, SEJA MINHA CARPIDEIRA: EU TAMBÉM ESTOU SENDO ENTERRADA VIDA. Conta história de mulher numa UTI que se imagina, para digamos driblar a morte que está a caminho, andando pelas ruas de uma metrópole apressurada. Tenho lido tudo sobre Antígona para escrever este livro.

Seus livros têm sido bem recepcionados pela crítica e conquistado prêmios (como APCA e Jabuti). Isso tem repercutido no acréscimo de leitores? Dá pra pagar as contas?

Prêmio é sempre bem-vindo. No meu caso, sim, ajudou a vender uns 200 livrinhos a mais. Sou escritor de poucos leitores — selecionados, é bom que se diga.

O Brasil tem um dos piores índices de leitura do mundo. Como leitor, escritor e ex-dono de livraria, como essa realidade pode ser alterada?

Educação, educação, educação — e menos corrupção. É uma rima, mas também é uma solução.

A partir de sua experiência ministrando oficinas literárias para diversas faixas etárias, que recado você daria aos candidatos a escritores?

Aos novos escritores recomendo ler mais e escrever menos.

Em *O feijão e o sonho*, Orígenes Lessa trata desse velho embate do escritor que se digladia entre o prazer de escrever e a necessidade de trabalhar . Esse dilema já o visitou?

Vivo com muito pouco — sou escritor-monge-trapista, por assim dizer. ■

CONCURSO

Autores recebem Prêmio Paraná de Literatura 2013

Livros premiados serão distribuídos gratuitamente para bibliotecas e instituições culturais de todo o Brasil

Prêmio Paraná de Literatura
romance . conto . poesia

DA REDAÇÃO

Lina Faria

Rogério Pereira (diretor da Biblioteca Pública do Paraná), Paulino Viapiana (Secretário de Estado da Cultura), Adriane Garcia (vencedora na categoria Poesia), Caetano W. Galindo (vencedor na categoria Contos) e Omar Godoy (jornalista e coordenador do Prêmio).

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) promoveu no último dia 12 de dezembro o evento de entrega do Prêmio Paraná de Literatura 2013. Cerca de 900 autores de todo o país enviaram livros inéditos para a segunda edição do concurso, que premiou *Meu primeiro morto*, de Jaci Palma (SP), *Fábulas para adulto perder o sono*, de Adriane Garcia (MG), e *Ensaio sobre o entendimento humano*, de Caetano W. Galindo (PR). Cada vencedor receberá R$ 40 mil e terá sua obra publicada pelo selo editorial Biblioteca Paraná, com tiragem de mil exemplares. Participaram da cerimônia o secretário de Estado da Cultura, Paulino Viapiana, e o diretor da BPP, Rogério Pereira.

Viapiana destacou a importância do Prêmio Paraná não só para o cenário literário, mas também para a cultura do Estado em geral. "Torço para que o Prêmio Paraná tenha muitas edições no futuro", afirmou o secretário, que também ressaltou a distribuição gratuita dos livros vencedores para bibliotecas e instituições culturais de todo o Brasil.

Para o diretor do BPP, esta segunda edição consolida o prêmio como um dos principais do gênero no país. Ele agradeceu o empenho da comissão organizadora e de toda a equipe de colaboradores da BPP. "O concurso é mais uma das várias ações da Biblioteca Pública voltadas para a inserção do livro e da leitura no dia a dia das pessoas", disse.

Vencedor na categoria Contos (Prêmio Newton Sampaio), Caetano W. Galindo agradeceu a presença de seus familiares e alunos da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e chamou a atenção para o conjunto de projetos que a BPP desenvolve desde 2011. "Espero participar sempre do Prêmio e de outras atividades da Biblioteca.", afirmou.

Adriane Garcia, premiada na categoria Poesia (Prêmio Helena Kolody), revelou que não imaginava estrear na literatura com *Fábulas para adulto perder o sono*. "Eu me surpreendi com essa vitória no Prêmio Paraná. Tenho um original anterior pronto, na gaveta, e sempre pensei que publicaria ele primeiro", disse a escritora, que também elogiou o visual da capa de seu livro.

As obras concorrentes ao Prêmio Paraná de Literatura foram avaliadas por um júri formado por nove membros (três em cada categoria). Alberto Mussa, Leyla Perrone-Moisés e Luís Augusto Fischer foram os jurados da categoria Romance. Raimundo Carrero, Beatriz Resende e Charles Kiefer escolheram o melhor livro de contos. Eucanaã Ferraz, Rodrigo Garcia Lopes e Alberto Martins analisaram as obras de poesia. A comissão foi presidida por Rogério Pereira, diretor da BPP. ■

ENTREVISTA | CAETANO W. GALINDO

O ano Galindo

Cristovão Tezza

DA REDAÇÃO

Pode-se dizer que 2013 foi o ano de Caetano W. Galindo. O tradutor e escritor curitibano ganhou dois importantes prêmios — Academia Brasileira de Letras e Jabuti — pela tradução do clássico *Ulysses,* do irlandês James Joyce. Como se não bastasse, o ano se encerrou com a estreia do autor na ficção, com a coletânea de histórias curtas *Ensaio sobre o entendimento humano*, vencedor do Prêmio Paraná de Literatura na categoria Contos (Prêmio Newton Sampaio). Finalizado dias antes do encerramento das inscrições do Prêmio, o livro de Galindo aposta em uma linguagem concisa, mas ousada. "Não acho que se trate de um livro escrito sob o signo da 'invenção', da 'vanguarda' ou qualquer dessas coisas aí", diz o escritor. Galindo também fala sobre a influência de sua atividade como tradutor em sua escrita literária e de como é ser contemplado com um prêmio estadual em um gênero que rendeu ao Paraná uma linhagem de grandes escritores. "Nós somos a terra do maior contista do Brasil. E Newton Sampaio, que dá nome ao prêmio, também é uma figura de respeito... Fico bem feliz de me filiar, ainda que temporariamente, a essa linha."

***Ensaio sobre o entendimento humano* apresenta contos com variedade de linguagem, entre um texto e outro. Acima de tudo, é evidente uma aposta na linguagem, com ousadia. Como você elaborou esse projeto literário e durante quanto tempo escreveu e reescreveu os contos?**

Olha.. Eu nem sei se eu mesmo caracterizaria o livro necessariamente nesses termos. Se existe ali uma aposta na linguagem, ou até uma certa ousadia, me parece que ela está principalmente, senão exclusivamente, num encampamento mais ativo e mais tranquilo de certas formas e flexibilidades de uma oralidade que às vezes a literatura deixa de lado, e que foi uma necessidade que eu aprendi a encarar com muita naturalidade por causa do meu trabalho como tradutor. É bem verdade que a estrutura de certos contos, e talvez até a estrutura do próprio livro, chama um pouco mais atenção para si própria do que em alguns outros casos. Mas eu não acho que se trate de um livro escrito sob o signo da "invenção", da "vanguarda" ou qualquer dessas coisas aí. Talvez a questão seja simplesmente que ele já foi escrito reconhecendo como ferramentas naturais da escrita de prosa literária coisas que um tempo atrás ainda eram necessariamente rotuladas como "experimentais"... Talvez o tempo do experimental tenha passado, e talvez seja a hora de fazer as contas, de se servir do que houve de ganho, sem a ativa polemização ou o carregar-bandeira da vanguarda, da ousadia. E nesse sentido é que eu te digo que não houve um "projeto", uma "intenção" ousada. Aquelas eram somente as únicas formas que surgiram para este indivíduo dizer aquelas coisas naquele momento. As que me pareceram as melhores, as mais adequadas e, nesse sentido, as mais naturais. 1b. Hmm... tem algumas coisas no livro que eu tinha na gaveta havia bastante tempo. Coisas que ia me dando vontade de escrever. Outras eu escrevi só pra completar o livro, na semana anterior ao fechamento das inscrições. Duas das "Bienais", por exemplo. O conto da menina na ponte. O do casal indo dormir... E foi nessa semana final também que o livro ganhou um título e a estrutura picada e intercalada que tem. Em suma,

foi ao mesmo tempo um projeto lento e apressado. Alguns contos, pra você ter uma ideia, coisas de 15, 20 anos atrás, não entraram porque não achei as cópias que devo ter aqui em casa em algum lugar... tem de tudo ali.

Você é um tradutor que já verteu para o português obras de Thomas Pynchon, David Foster Wallace e James Joyce. Como e de que maneira a literatura desses autores, e mesmo outros que você traduziu, estão ou não presentes nos contos de *Ensaio sobre o entendimento humano*?

Acho que a tradução, pra mim, acabou servindo como treino mesmo. Um tradutor de um romance é, e eu não canso de repetir isso por aí, o escritor de um romance. Só não cabe ao tradutor conceber a obra. Mas a execução é em certa medida dependente dele hoje como foi dependente do escritor no momento "original". É preciso dominar a prosa literária, suas delicadezas e sofisticações. Eu tive a sorte de traduzir autores de um nível extraordinário nos últimos anos, e é claro que o nível do desafio que eles propõem ao tradutor te força a subir uns degrauzinhos de competência. Um tradutor de prosa não pode destruir um romance colocando a palavra X "errada" no lugar da palavra Y "correta" como os leitores muitas vezes e os críticos eventualmente parecem pensar. Isso no máximo incomoda. Atrapalha. Azeda a leitura. Mas um tradutor ruim pode, sim, com imensa facilidade, destruir um romance ou um conto ao não perceber a relevância de um termo (ou de termos de um determinado campo semântico) para o universo temático ou simbólico de uma narrativa. Ele pode acabar com a prosa de um autor ao não dar conta da delicadíssima rede de detalhes que faz com que o discurso indireto livre, essa ferramenta básica do romancista pós-Flaubert, se sustente e evoque, e provoque, todos os seus efeitos. Às vezes toda a balança que pende entre atribuirmos uma frase ao narrador ou ao pensamento do personagem pode se desequilibrar pela escolha de um substantivo mais ou menos "pobre", mais ou menos "marcado", "característico". E pra fazer isso tudo o tradutor, como sempre, tem de ser um hiperleitor. E essa formação, somada à necessidade de depois reproduzir os mesmos "encantos" em português para mim foi essencial.

Charles Kiefer, jurado e autor do texto de apresentação do seu livro, afirma que ele, e os demais integrantes do juri, Beatriz Rezende e Raimundo Carrero, têm certeza de que *Ensaio sobre o entendimento humano* é "muito boa literatura". Como você, que também é professor universitário de literatura, recebe essa afirmação?

Bom... primeiro com imensa gratidão. A banca que escolheu os vencedores da categoria de contos é de um grau de qualificação atordoante. Todas as três bancas, na verdade. Mas fiquei de fato chocado quando vi quem foram as pessoas que escolheram o meu livro. E essa "certeza" do Kiefer, que já ganhou tipo três jabutis na categoria contos, né?, é de fato um afago bem morninho. Fico, claro, muito feliz. Em segundo lugar, assim sem ter acesso ao texto todo dele, não sei bem se ele está polemizando com certas noções de "relativismo" ou puramente manifestando satisfação... De qualquer maneira, retorno, eu, à minha satisfação.

O que representa para você ter vencido o Prêmio Paraná de Literatura 2013 na categoria conto?

Representa muito. Acho incrível a iniciativa da BPP, toda revigorada na gestão Rogério Pereira. Acho absolutamente relevante a existência desse prêmio, a seriedade com que ele foi concebido, executado... Acho que se trata de uma iniciativa que tem tudo para entrar para a história da literatura brasileira, e paranaense, até por vir como que coroar um momento particularmente fértil, produtivo, das letras locais. Nesse sentido, ganhar o prêmio já é uma grande felicidade. E ser o único paranaense (ainda que haja mais um adotivo) entre os três premiados deste ano (e entre os seis até aqui, né?) me deixa ainda mais feliz. Sobre ser na categoria contos, ora, tem duas coisas. Uma é que eu me inscrevi também na de poesia! A outra é que o Paraná tem uma bela tradição de contos, né? Nós somos a terra do maior contista do Brasil. E Newton Sampaio, que dá nome ao prêmio, também é uma figura de respeito... Fico bem feliz de me filiar, ainda que temporariamente, a essa linha.

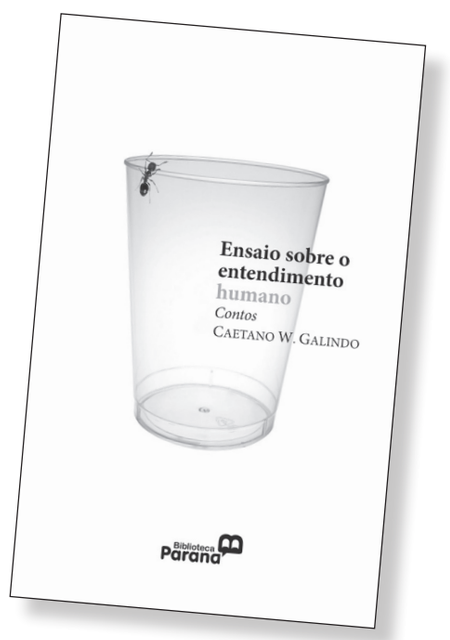
E o próximo passo? Tem outro livro esboçado ou na gaveta?

Próximo passo... veja bem... Eu sou professor universitário, que é uma carreira que não é exatamente famosa por ser tranquila. Fora isso, eu traduzo romances nas proverbiais "horas vagas", e estou com a minha agenda de tradução ocupada pelo menos até 2015, direto. Sobra pouco tempo. Mas vamos ver. Gostei da brincadeira, claro. Fiquei muito tentado a "virar escritor". Quando acontecer, se acontecer, será culpa total do Prêmio Paraná.

Como você analisa a cena literária brasileira contemporânea, por onde você passa a circular a partir de agora? Destaca alguma tendência ou autores?

A cena? Bom, primeiro que pra fazer parte de qualquer cena literária, apesar da importância e do peso desse prêmio, ainda me falta comer muito feijão. Ok? Ok. Sobre análises. Sim.. algumas tendências, né? De um certo realismo que fez as pazes com Tolstói (com a brilhante exceção de um Carlos de Brito e Mello, por exemplo). De um romance *middle-brow*, como disse o André Conti. Uma curiosa presença de suicídios.... (até no meu tem um. ou não. depende.). Acima de tudo, muitos autores muito interessantes na faixa dos trinta e poucos, quarenta anos. Muita coisa mesmo sendo produzida. Agora, se for pra destacar um nome, tem que ser o do Galera. Eu sou fã de carteirinha do André Sant'Anna, por exemplo. Mas ele quase não escreve mais. Eu gostei demais do livro de estreia do Lyrio. Mais ainda é uma estreia. Uma promessa. O Galera é cara que tem tudo na mão neste momento. Antes dos 35 anos ele já escreveu um belo romance, um puta romance e um romanção. Pelo menos. E tem uma carreira sólida e comprometida. Ele ainda vai dar muito mais o que falar. E sabe tudo. ■

> Leia na próxima edição entrevista e poemas de **Adriane Garcia**, vencedora da categoria **Poesia** do Prêmio Paraná de Literatura 2013.



CONTOS | **CAETANO W. GALINDO**

LIVRE-ARBÍTRIO

Ilustração: Renato **Faccini**

Quando esta estória começa a dela está para acabar.

Tinha que ser uma ponte. O que deixa a coisa toda já com uma cara meio convencional, convencionada, falsa.

Tinha que ser uma ponte, tinha que ser de noite. Tudo bem.

Mas aí também tinha que ser uma ponte dessas mais velhas, com uma grade que ela conseguisse pular facinho, porque ela nunca foi boa de pular muro. E porque, convenhamos, ia ser totalmente ridículo cair da grade e morrer lá embaixo no rio por acidente.

Tinha que ser um rio.

Agora que diferença haveria de fazer. Se você decide se matar, que diferença haveria de fazer o como, o quando, o onde, e muitíssimo especialmente que diferença haveria de fazer se fosse ou não fosse totalmente ridículo, muito especialmente se ninguém soubesse que tinha sido totalmente ridículo.

E fazia diferença alguém saber?

Se ela queria se matar, se queria acabar com a própria vida, fazia diferença? Por que o rio? Por que a ponte? Por que esse momento todo ali parada do outro lado da grade que afinal foi fácil de pular e era muro, não era grade, deu pra sentar em cima e jogar as pernas e descer com bastante calma até ficar ali agora parada, de pé, pensando esse monte de merda e olhando o rio, sem ter corrido o risco de despencar por acidente e morrer descomposta, de susto.

É a última decisão que ela vai tomar.

E a mais importante.

E já tomou.

Talvez seja isso, então. Menos do que essa ideia de saber se os outros vão saber ou se vai parecer ridículo, ou sei lá o quê. E pra quem.

Talvez seja o fato de que essa decisão tem que ser pesada, medida, sentida em cada passo, em cada grau, cada degrau, em cada passo, em cada salto, em cada passo. Que pelo menos neste momento da vida dela, neste momento que vai acabar com a vida dela, ela tenha tido controle, tenha podido decidir de verdade, tenha escolhido.

Inclusive escolhido este lugar.

Que tinha ponte, em cima de um rio, que tinha grade de murinho que era fácil de pular, que tinha até, e isso também ela nem lembrava quando lembrou dessa ponte, daquele dia com as meninas, que tinha até tipo esse beiralzinho do outro lado da grade, onde ela agora podia ficar parada, sozinha.

E era longe.

Meio que no meio do mato.

Era uma estrada.

Aí inclusive tinha pouquíssima chance de aparecer alguém tipo Ei, que

que cê tá fazendo aí. E aí cena.

Tipo um guarda.

Ou um carro passando. Quando ela chegou, ficou coisa de meia hora dentro do carro, relendo os bilhetes que tinha escrito e que ficaram direitinho em cima do banco. E nenhum outro carro tinha passado.

Agora, ela já estava ali fazia coisa de mais uns vinte minutos.

E carro nenhum.

Era um dos maiores medos dela. De aparecer alguém e acabar com esse momento que, pelamor, era pelo menos um momento que ela queria que fosse dela, tranquilo. Pensado.

Mas não vai aparecer ninguém.

Quando esta estória acabar. Só.

Quase uma hora ali. Entre carro e beiralzinho. Quase uma hora pra chegar de casa ali naquele pedaço de estrada. Devia ser umas três da manhã agora.

Fazia pelo menos duas horas, duas horas e meia, que ela tinha decidido, pesado, escrito bilhetes, escolhido, marcado lugares. E a vontade não se alterava.

Estranhamente calma. Ela estava estranhamente calma. Nunca pensou que pudesse ser assim.

Medo do pulo ela não tinha.

Tinha era medo de alguém chegar. Assim como antes de pensar direito tinha medo de cair por acidente e morrer ridícula. Ainda tem. Mas não tem mais acidente. Agora que o murinho está atrás dela.

É decisão.

É decidir.

Ridículo, afinal, era se importar com o ridículo.

Que nem quando ela ficou tentando limpar a sola do tênis no tipo de meio-fio do outro lado do muro, antes de subir, de sentar. Porque quem foi o samonga que me veio passear com um cachorro aqui nesse meio do nada.

Deve ter sido um cachorro do mato, ridícula. Ou outro bicho.

Deve estar cheio de bicho olhando em volta. Sem entender.

Sem capacidade de entender ou de decidir. Que nem eu. Que eu tenho.

E a luz do carro ficou acesa. As luzes. A de dentro e a do farol. Para ela poder ver em volta. Para poder como que ter consciência. E ela ficou raspando e reolhando a sola do tênis pra tirar os restos. E aí desistiu.

Ela ia se matar, caralho.

E, quer saber, ia se matar caindo num rio. Ia lavar tudo. Ia ficar tudo limpo. Nem com isso ela tinha que se preocupar, se tinha que se preocupar com alguma coisa. E desistiu.

Mas aí o cheiro.

Parece que de mexer naquilo só piorou. De raspar um pouco e não tudo.

Não é que ela queria tipo 'gozar' o momento. Esse último momento.

Como se houvesse algum prazer nisso. Nesse momento.

Mas atrapalha, o cheiro.

Se bem que se ela não pula de uma vez...

Se decidiu tem pelo menos três horas que vai pular e não pula de uma vez, é por quê? Se não por algum tipo de prazer nesse adeus?

Raspa de novo a sola do tênis, agora deste lado do murinho.

Só que o tal meio que beiral aqui desse lado é meio redondo, de repente até pra evitar que alguém queira ficar aqui pra pular (ela tem que se segurar no murinho o tempo todo, uma suicida que se segura para não cair). Ela esfrega a sola uma só vez, deixando uma marca comprida no cimento claro, que, claro, só piora o cheiro. E ainda deixa aquela trilha atravessada, como uma seta de merda que aponta pro rio.

Ela dá um passinho pro lado.

Com cuidado.

Suicida com cuidado.

E o mais estranho é que esse assunto todo do suicídio... Da decisão, das escolhas e decisões, de fazer essas coisas uma a uma, bilhetes, escolher roupa... Escolher roupa. Ela escolheu uma roupa. Que essa coisa toda, e esse tempo todo, essas mais de três horas cuidando disso tudo meio que apagaram o resto todo. O que levou ela a pensar naquilo tudo pra começar.

Restou a certeza da dor.

A certeza da desilusão. Da irresolução.

É só por isso que ela não mudou de ideia nesse tempo todo. Que ela ainda está aqui. Mas ela *ainda* está aqui.

Se preocupar com acabar com tudo aquilo de uma vez fez, pela primeira vez, tudo aquilo sumir do primeiro plano. Ela esteve ocupada demais nas últimas horas, fazendo finalmente alguma coisa por si própria. Finalmente alguma coisa definitiva, certa, clara, que só ela mesma podia fazer, só por ela mesma. Que não dependia dela. Que não dependia de ela me querer ou não me querer. Que não dependia de a mãe dela achar esquisito duas meninas juntas. Que não dependia de ela se preocupar com isso e me mandar pastar. Me foder.

Não foi uma distração. Uma ocupação qualquer que apagou aquele zumbido de fundo das últimas semanas. Uma outra atividade não teria.

Foi só por eu ter decidido vir aqui, pular de uma vez, que aquilo se apagou.

Porque decidir pular *é* a solução. *Resolveu* de verdade os problemas. Os *meus* problemas.

Porque acaba. Porque não tem mais. Porque não dói mais.

E quando acabar, e não tiver, e não doer, não é mais problema. De ninguém.

Mas agora, já só por eu ter decidido, escolhido, feito uma coisa por mim, clara, definida, eu já posso sentir antes essa tranquilidade.

Já é quase como se eu não precisasse pular.

Mas isso só porque eu vou pular.

Nessa noite linda. Sem lua. Montão de estrela. Com esses bichos todos me olhando por causa da luz do uninho. Das luzes.

Com aquele rio e aquela pedrarada lá embaixo.

Bem lá embaixo.

É respirar fundo. E chega. Cansei.

***

Foi.

Acharam o corpo dela ontem. Parece que foi tem uns dois dias. Tinha. Tinha um monte de bilhete no carro.

Mas parece que não deu pra ler.

Parece que ela tinha deixado a janela aberta e uns bichos entraram. Sei lá, tipo serelepe. Roeram meio que tudo. Tinha comida no carro, e a bateria tava arriada, então os caras acham que ela tinha deixado a luz acesa. Aí entrou um monte de bicho.

O estofamento. Tudo. Tava tudo ferrado.

E os bilhetes.

Meio roídos, meio rasgados.

Diz que deu pra ler só uns pedaços.

É.

Foi o que me disseram também.

É.

Que o mais engraçado era isso. Que tinha uma puta marca de lama no beiral da ponte mais ou menos de onde ela deve ter pulado.

Porque tinha chovido uns dias e depois não chove mais tem uns três lá.

Que parece que no fundo, no fundo mesmo, ela acabou foi escorregando.

Foi. ■

Caetano W. Galindo nasceu em 1973, em Curitiba, onde mora. Desde 1998 é professor de História da Língua Portuguesa na Universidade Federal do Paraná. Traduziu obras de Thomas Pynchon, David Foster Wallace e *Ulysses*, de James Joyce – trabalho reconhecido com o Prêmio Jabuti e com um prêmio da Academia Brasileira de Letras. *Ensaio sobre o entendimento humano* é a sua estreia na literatura.

ROMANCE | **PAULO VENTURELLI**

MADRUGADA DE FARPAS

Cândido antecipa o primeiro capítulo do romance inédito que Paulo Venturelli publicará em 2014.

Ilustrações: **Osvalter**

Para
Juraci José de Paula
- a plenitude não tinha
limites naquele tempo

Eles descem pela rampa da Universidade Federal, comentando as aulas:

— Que professorinha essa, hem...

— Fazer esquema de poesia e prosa em duas colunas no quadro! Nem no ensino médio tive professor tão ruim.

— A baixinha é terrível. Se não bastasse a burrice, a gente tem de aguentar aquela voz de quem mastigou pedras e quebrou todos os dentes.

Obadiah e Israel chegam na cantina. A turma da sala. Meninas mais salientes. Outras mais reservadas. Cercam os dois porque são atraentes e bem-humorados.

— Vocês vão na festa de Isabel no sábado?

— Ôrra! Em plena segunda e já pensando em festa.

— Ah, a gente tem que ir preparando o espírito, se não, como suportar essas aulinhas...

Israel olha para Obadiah e dá uma pequena piscada.

— Ué, não gostaram da aula?

— Que é isso, cara. *Isso* é aula de literatura numa universidade?

— Por isso que temos de pensar em festa.

Isabel se aproxima deles:

— Vocês vão, não vão?

— Ah, cara, até lá tem muito tempo para pensar.

Isabel meio rascante:

— Por que vocês estão sempre juntos e quando a gente convida para sair regateiam?

Silêncio. A cantina fervilha lá no fundo.

Isabel ataca:

— Sei, não. Acho que entre vocês dois existe alguma coisa...

Obadiah solta sua risada de urso satisfeito:

— Alguma coisa? Pode ter certeza. Existem muitas coisas.

Oba e Israel atravessam o pátio da reitoria. O guarda vestido de azul e empertigado. Passam pelo saguão do Dom Pedro II e rumam para a rua XV.

— Porra, essas meninas são pentelhas, né?

Obadiah levanta os ombros e encara Israel bem nos olhos:

— Ainda bem que não tenho nada a ver com essas galinhas.

Israel se aproxima mais do negro esguio, de carapinha baixa, peitos levemente salientes e dois brincos de argola nas orelhas:

— Você se arrisca a andar de mão dada comigo aqui na XV?

— Por mim... Quem se importa?

Israel estende a mão direita e Obadiah entrelaça seus dedos nela.

Do outro lado da rua, alguém grita:

— Aí, seus dois boiolas...

Israel ri:

— Foi você que disse que nin-

guém se importa?

— Ele que vá tomar no cu e aprenda a deixar os outros em paz.

Param na banca da Reitoria. Conversam com Vanderlei. Querem saber se a *Cult* e a *Bravo* deste mês já chegaram. Nada. Vai demorar um pouco.

Passando pelo Teatro Guaíra, Obadiah abraça Israel pela cintura. Este exulta e sente o calor do companheiro.

— Cara, vai ter show da Gal.

— Nem pense, nem pense! Você sabe quanto custa o ingresso? Prefiro comprar um monte de cedês. Duram por toda a vida. O show em duas horas acaba e baubau.

— Ah, cara. Nem vem. Um show tem muito mais clima. Agarra a gente pelo nervo. Todo o cenário. Tem o lance da performance da artista. Arrepia até o gargalo da alma.

— Eu sei, Israel. O problema é a grana. Eu não tenho. Se você pagar, eu encaro.

— Ah, belezinha! Nas minhas costas, né? E muita grana que eu tenho mesmo. Preciso ralar feito escravo com o pai só para garantir um tufo até o fim do mês.

Na Santos Andrade, eles resolvem atravessar a rua e ir ao Café Expresso. Boa ideia, Obadi! Estou morrendo de sede. E um cigarrinho depois...

Sentam-se em torno de pequena mesa redonda. Pedem dois expressos. Antes, duas águas com gás. Obadiah encara Israel. Vê seus cabelos louros cacheados, caindo displicentes em torno do crânio, os olhos azuis com algum pigmento indistinguível dentro deles. Deposita o rosto nas duas mãos apoiadas pelos cotovelos e contempla com agudeza o amigo. Este pergunta:

— O que foi? Por que está me encarando desse jeito?

Oba fecha os olhos por um instante.

— Não estou encarando. Estou contemplando. Fruindo. Obra de arte não é para isso?

Israel faz um muxoxo:

— Obra de arte? Eu? Branquelo desse jeito. Estende aqui teu braço.

Obadi obedece.

Israel coloca seu braço ao lado daquele braço musculoso, ainda que magro:

— Olha só a diferença de cor! De textura. Eu pareço pão que não assou direito. Você, não. Você é completo. Tostadinho. Sapoti. Cor deste Brasil.

Oba corta:

— Ih, cara. Que coisa mais brega. Cor do Brasil? Que cor? Como se a tua também não fosse.

— Sou muito branco para o meu gosto. Tua negritude dá a sensação de gente completa. Acabada. Perfeita.

— Ah, tá. Eu, perfeito.

— Pra mim, sim. Mais que perfeito.

A água e o café chegam.

Eles experimentam a temperatura do café e se voltam para a água. Bebem em pequenos goles até o meio da garrafa. Depois retornam ao café.

— Gostou?

— Está massa! Delícia pura.

Os joelhos de Israel se enroscam nos de Obadiah. Ele sente a temperatura do corpo do companheiro.

— Está quentinho, né?

Rindo Oba pergunta:

— O quê? O café ou os teus joelhos?

Israel fixa os olhos em Obadi:

— Se você não fosse meu, eu te comprava. Já pensou no tempo da escravidão: eu, o filho veado do fazendeiro, protegendo este neguinho lindo para não apanhar?

Terminam a água. Depois o café.

A mochila vem até a mesa, puxada por Obadiah. Ele abre. Pega um livro velho e entrega ao companheiro:

— Olha, só. Comprei para você. Ontem, num sebo.

Ao estender as mãos para pegar o livro, Israel fica olhando Oba direto em seus olhos:

— Porra, meu. Você já tem pouco dinheiro e ainda fica gastando comigo?

— É assim que você agradece?

O louro cacheado abre bem os olhos e vê uma edição antiga de *Viagem*, de Cecília Meireles.

— Puta que o pariu! Que maravilha. Ainda bem que você me conhece bem para saber do que eu gosto. Pagou muito caro?

Abre na folha de rosto. Quase grita:

— É primeira edição!!!!!

— É? Não paguei caro, não. Estava numa pilha toda bagunçada de livros de poesia que para o sebeiro não tinha nenhum valor. Fui com paciência catando um a um até que encontrei este. Não duvidei um segundo.

— Obrigadão, meu anjo. Só me preocupa que depois a grana vai fazer falta para você.

— Que nada. Se falta, meu Polaquinho me socorre, eu sei.

Pagam. Saem à rua. O sol sobre

ROMANCE | PAULO VENTURELLI

os pinheiros da Santos Andrade. As colunas da universidade alaranjadas pela intensidade da luz. Um acende o cigarro do outro. E vão caminhando. Palavras. Calor. Pombos. Baforadas. Israel anda de tal maneira que sua mochila sempre bate na de Obadiah. Dentro da sombra intermitente, o negro vai mudando de tom de pele. Lustrosa. Brilhante. Mais apagada. Com as batidas das mochilas, Israel fala:

— É só para a gente não perder contato.

O negro ri. Os dentes hialinos dentro da sombra da árvore.

— Sei muito bem o que você está querendo, seu vagabundinho.

O Correio antigo à esquerda. Chegam ao ponto em que a XV é só para pedestres.

Oba fala meio iritado:

— O que toda essa gente faz na rua num final de manhã?

— Êêê, tongo. O mesmo que nós. Estão indo para algum lugar ou vindo de outro.

— Falou o conhecedor das multidões.

Apagam as baganas sob os pés. Depois as atiram nas lixeiras.

Já na Muricy, Oba diz:

— Vou pegar o rumo da minha kite. Você vai direto para casa?

— Pegar o busão e ajudar o pai na cantina. Se o velho não faturar bem você já conhece o bom-humor.

Enquanto o ônibus corre em direção a Santa Felicidade, Israel pensa em Oba. Como se conheceram. Claro, numa festa. As primeiras conversas difíceis. O tateio em terreno pantonoso. Será que é do time? Será que não é? Difícil! O coração acelerado, os olhos tomados por aquela criatura esbelta e luzidia, magrão, mas de músculos bem desenhados no peito e nos braços. A camiseta branca, justa, revelando o que dava vontade de experimentar com a língua. Vontade de apertar. Morder. Sugar. Como ir se aproximando? A jogada de sempre: Vamos beber alguma coisa? Oba dançando lento, encostado na parede e mostrou o copo na mão esquerda. Vixi! Fui mal. E agora. Ainda bem que o neguinho foi simpático:

— Já está no fim. Preciso de outra dose.

Foram os dois até o bar. Gim-tônica. Uísque com energizante. Brindaram.

Israel:

— Você não é de Curitiba, é?

— Até que não. Vim de Pernambuco faz um ano. E você?

— Sou daqui. Vê só como sou branco. Gente de terra fria.

— Você fuma?

— Fumo.

— Vamos dar uma tragada lá fora?

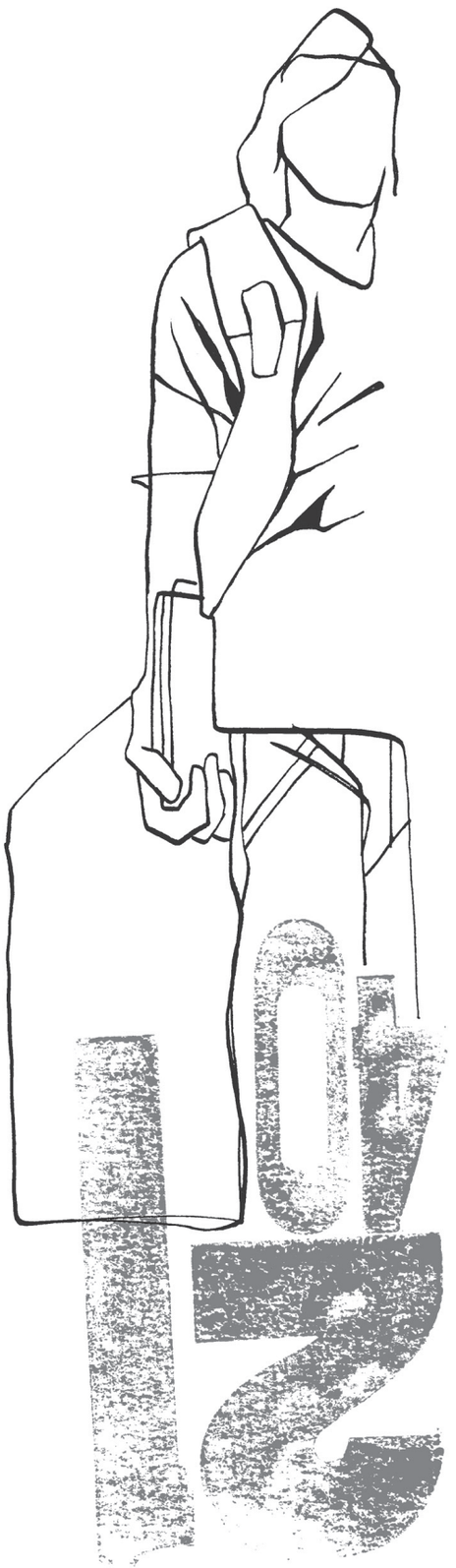
No curral da calçada, assim que Israel tomou o cigarro, Oba já o acendeu. Prazer. Prazer. Deram-se as mãos. Meu nome é Israel. Meu nome é Obadiah. Israel não soube se entendeu direito. O outro continuou. Meus antigos foram escravos. Deve ser nome daqueles tempos. Bebem devagar. Levantam o rosto para expelir a fumaça. Lá de dentro vem música escaldante. Os carros na rua. O céu nublado, meio amarelo com as luzes da cidade. E agora? Qual o próximo passo? Simples.

— Você estuda?

— Quero tentar letras na Federal.

— Não brinca, cara. Eu também.

Lá veio o vestibular. A lista dos aprovados nos grandes vidros do teatro da reitoria. Israel passou. Procurou o nome do amigo. Batata. Tinha sido aprovado também. Deu um tempo por aí, para ver se o encontrava. Não demorou muito, lá vinha o pernambucano, estufando a camiseta. Aperto de mão. Israel se antecipa na notícia, antes que Oba tenha tempo de ver a lista. Oba agarra Israel pela cintura e o eleva no ar, dando voltas. Então vamos festejar. Atravessaram a rua XV e foram para um dos barzinhos em frente à universidade. A conversa correu solta.



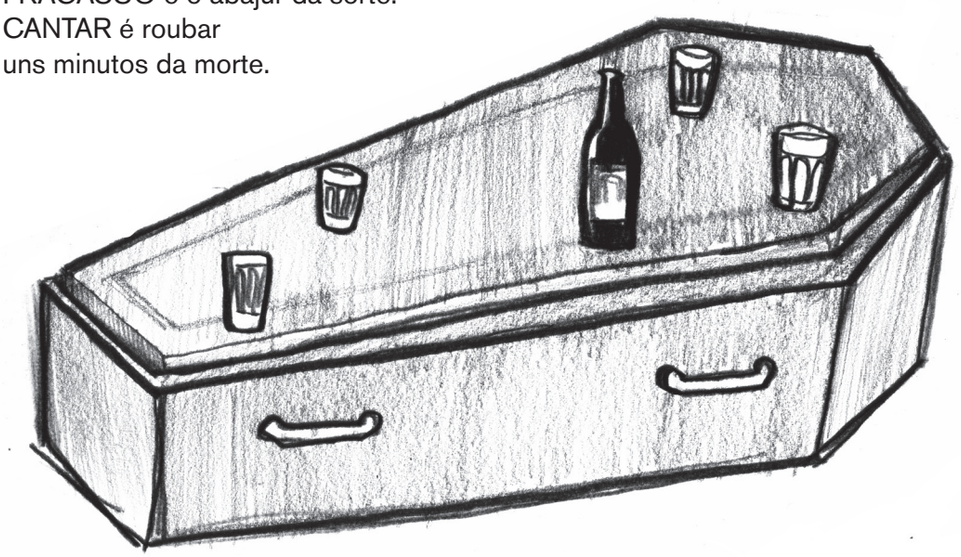
Como velhos amigos. Obadiah recebia ajuda de uma tia até arrumar um emprego. Israel trabalhava na pizzaria do pai. Convidou o amigo para almoçar lá. Uma forma de comemoração. Seus pais não deram muita importância à aprovação. Letras? E isto é curso para homem? Dá algum futuro? Dá dinheiro? Israel fez a apresentação do novo amigo. Letras também? Credo em cruz! O Polaquinho pediu dispensa do trabalho como presente e disse que Oba iria almoçar ali com eles. Sem problema, mas não vá se acostumando a trazer gente da turma para cá. Não quero ninguém filando boia aqui. Ainda mais negro. Ih, pai, você ainda é desse tempo? É bom a gente manter os olhos abertos. Nunca se sabe. Se for assim, vou almoçar com ele noutra cantiga. Para com isso, filho. Só estou avisando para o teu bem. Fique de olho aberto com este tipo de gente. Claro que pode almoçar aqui com ele, já que é teu amigo. Só não quero que você dê rédeas pra teu coração mole. Almoçaram. Obadiah era fanático por gnocchi quatro queijos. Para Israel, bastava um risoto de frango. O pai abriu uma garrafa de vinho tinto para comemorar a vitória aguada dos dois. Depois do almoço, foram fumar no quintal atrás de casa. Nino, um poodle ruivo aproveitou e veio aos saltos. Obadiah se abaixou, espantado com a cor do bicho. Ainda bem que não sou só eu que não sou branco por aqui. Fez festas no cãozito que a todo custo queria morder suas mãos. Andaram sob as árvores. Sentaram-se num banco torto. Israel ironizou: cuidado, *isto* é obra minha. Não sou muito bom com coisas práticas. Se desmoronar, não me responsabilizo. Oba gargalhou, o som gordo de quem está satisfeito com a vida. Conversa vai, conversa vem, chegaram à música. Empate técnico. Ambos gostavam de MPB e jazz. Que o rock ficasse muito longe! Israel o convidou para ver sua coleção de discos. Subiram a longa escada dos fundos da casa. Nino atrás se fazendo de um oito em cambalhotas. No quarto, Israel tinha toda uma parede forrada de cedês em estante larga. As outras duas, só livros. Na quarta parede se encostava a cama. Oba deu uma olhada meio rápida e disse que precisava ir logo. Arranjara um trabalho em supermercado das duas às vinte e duas horas. Controle de pessoal. Por isto, não podia chegar tarde. Foram até a frente da cantina. Mais um cigarro, enquanto o ônibus não vinha. E assim a amizade começou e continuou. Quando voltou para as mesas e começou recolher os pratos, lembrou-se de que pedira folga ao pai. Mas continuou a trabalhar para não desagradar ao velho. Israel sentia um aperto no peito. Muito de angústia e sobressalto. Um gelo no cerebelo a descer pela coluna. Uma sensação de solo movediço sob os pés. E agora? Obadiah enchia suas veias de uma energia maluca. Agora é continuar até a hora do bote. Se deu, deu. Se não deu, eu que me ferre. Só sei que estou mexido. Alguma coisa dentro de mim se desestruturou ou se estruturou de uma forma desconhecida. Só sei que não sou mais o mesmo. As pancadas no peito doem na garganta. Trabalhou meio distraído até as dezesseis horas. Desamparo. Desconsolo. Sabia estar entrando numa floresta na qual nunca havia entrado e não tinha a mínima noção de como se comportar nesta geografia totalmente nova. ■

Paulo Venturelli nasceu em Brusque, em 1950. Mudou-se para Curitiba em 1974 para cursar Letras na Universidade Federal do Paraná, onde também fez seu mestrado. É autor, entre outros , dos livros de contos *Fantasmas de caligem* e *Histórias sem fôlego*, além do romance *Meu pai*. Em 2012 seu livro *Visita à baleia* ganhou o prêmio de melhor texto e ilustração (feitas por Nelson Cruz), concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).
Vive em Curitiba (PR).

POESIA | MARCELO MONTENEGRO

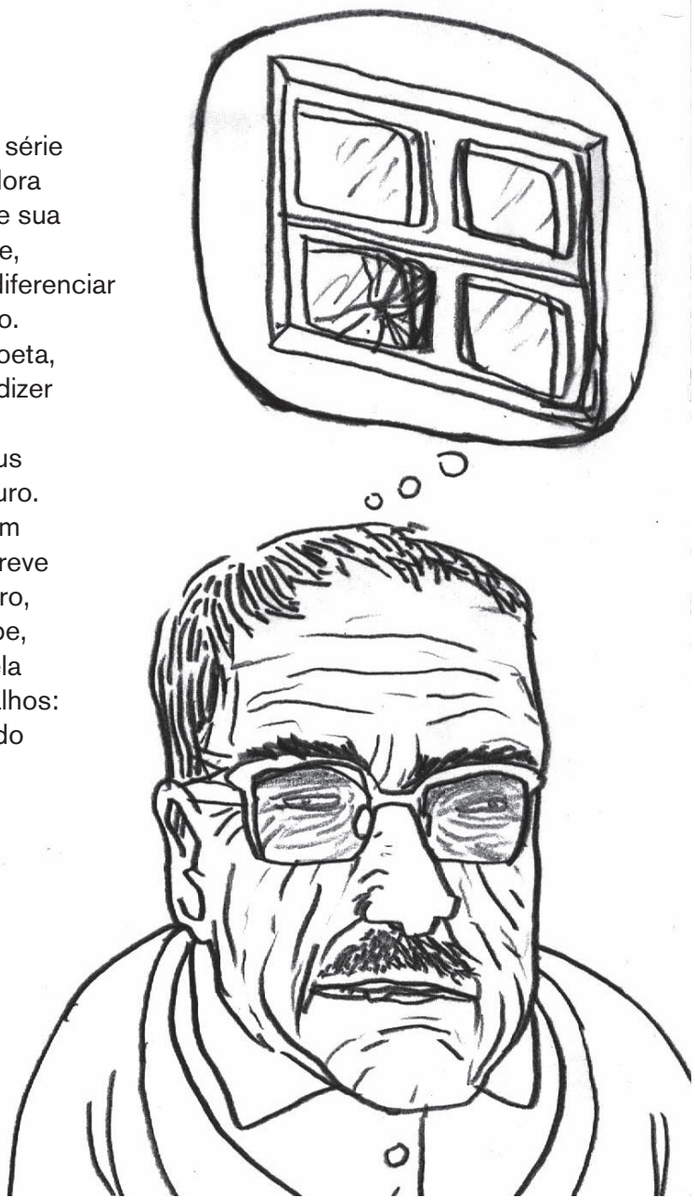
Literatura Comparada

Quando o MUNDO é um cruzamento
movimentado cujo semáforo pifou.
FUTURO é um cartaz de filme antigo
num cinema que já fechou.
ANGÚSTIA é esse instante
durando meses. AFETO
é uma conversa entre velhos amigos
no bar mais perto ao velório de um deles.
MARCOS REY
foi meu Chuck Berry da literatura.
CARNE MOÍDA é o leite
condensado das misturas.
PAZ é sorrir por dentro. POEMAS
são imagens pingando
das goteiras do tempo.
ENTRAR é o começo
de sair. "SER ORIGINAL
é tentar ser como os outros
e não conseguir".
ACADEMIA é a repartição pública
do corpo. SIMPLICIDADE
é a superfície do topo.
FRACASSO é o abajur da sorte.
CANTAR é roubar
uns minutos da morte.



Kátia

O escritor Hank, na série
Californication, implora
ao telefone para que sua
mulher volte. Diz que,
sem ela, não sabe diferenciar
o sublime do ridículo.
De outra forma, o poeta,
neste poema, quer dizer
que em sua mulher
moram todos os seus
textos em modo futuro.
Como Patti Smith em
Só garotos. Ela escreve
que seu companheiro,
Robert Mapplethorpe,
costumava dizer a ela
sobre os seus trabalhos:
"Nada está terminado
até você olhar".



Ilustrações: Gustavo **Paim**

Forte Apache

Noel Rosa brincava que era internacional sem sair de seu quarto. Elvis Costello disse que o rock´n´roll não morrerá porque sempre vai ter um garoto trancado em seu quarto fazendo algo que ninguém nunca viu. Já Laura Ridding falava da pretensão de "escrever sobre um assunto/ que tocasse todos os assuntos/ Com a pressão compacta do quarto/ Lotando o mundo entre meus cotovelos".
De certo modo, acho que estamos fadados a isso mesmo: recriar em nossos textos o mundo dos nossos quartos. Esta equalização sutil – pessoal, intransferível – entre organização e bagunça. François Truffaut, por exemplo. Ele se considerava pertencente a uma família de cineastas que praticava uma espécie de "cinema do quarto dos fundos, que recusa a vida como ela é" – como "nas brincadeiras de crianças, quando refazíamos o mundo com nossos brinquedos". Como diria Ferreira Gullar no Poema sujo, "o que me ensinavam essas aulas de solidão?". ■

Marcelo Montenegro nasceu em 1971. É considerado um dos principais nomes da nova poesia brasileira. Autor de *Orfanato portátil* (2003) – "leitura obrigatória para todos que queiram ver por onde a poesia nova transita", de acordo com Armando Freitas Filho – e *Garagem lírica* (2012) – "um conjunto de imagens desconcertantes", segundo Marçal Aquino. Trabalha como roteirista de ficção para a TV e como técnico de luz e som em teatro. Desde 2004, apresenta-se com o espetáculo *Tranqueiras líricas*, no qual seus poemas falados se fundem ao rock´n´roll, ao blues e ao jazz. Vive em São Caetano do Sul (SP).

ESPECIAL **POESIA PARANAENSE**

A antropofágica poesia paranaense contemporânea

Organizador da Antologia de Poetas Paranaenses que a Biblioteca Pública do Paraná lança no primeiro semestre deste ano, o poeta e crítico **Ademir Demarchi** traça um panorama da poética contemporânea feita no Estado

Divulgação

Autora de *Roça barroca*, Josely Vianna Baptista é uma das mais experientes tradutoras hispânicas do país.

Uma das características mais interessantes dos poetas paranaenses hoje é a prática tradutória. Há um número expressivo de escritores motivados a deglutir poetas e culturas, numa forma de busca de contaminação e complexização desse eu poético que se manifesta agora.

Sem intenção de esgotar a questão, pode-se apontar que o movimento Simbolista foi pródigo em buscar diálogos, especialmente com os europeus, chegando até mesmo a publicar poemas em francês sem traduzi-los. Nos anos 1940, Dalton Trevisan, com a revista *Joaquim*, além de traduções (Eliot, Hughes, Rilke, Icasa), publicou originais sem tradução (Tzara, Lorca, Gide); a editora Guaíra criou uma coleção de ficcionistas americanos, inaugurada com o mexicano Gallegos, traduzido por Jorge Amado; José Paulo Paes, saído da revista *ideia,* tornou-se pródigo tradutor.

Depois, nos anos 1960, Leminski se empolgou com a prática concretista da transcriação que o levou ao estudo de línguas e à tradução de Joyce, Lennon, Beckett, Jarry, Mishima, Petrônio, John Fante e outros, lançados nos anos 1980, com destaque, com Alice Ruiz, para a tradução de japoneses e disseminação do haicai. Estava-se já sob nova onda de diálogos com outras línguas no Paraná, especialmente num esforço tradutório que começaria por se expressar nas páginas do *Nicolau*, com Josely Vianna Baptista (tradutora dos ameríndios e hispânico-americanos), Rodrigo Garcia Lopes, com os norte-americanos (primeiro os *beats*, depois Sylvia Plath, Ashbery, Whitman) e japoneses (estes com Maurício Arruda Mendonça, com quem traduziu Rimbaud), Jaques Brand (em seu único e ótimo livro *Brisais*), o grupo OSS, com Antonio Thadeu Wojciechowski, Alberto Centurião, Edilson Del Grossi, Marcos Prado, Roberto Prado, Sergio Viralobos (no *Nicolau* ou em livros peculiares como *Um Fausto*, de Goethe, e *Os catalépticos*, com textos de Dante, Yeats, Rimbaud, Shakespeare, Mickiewicz Baudelaire, Poe e até Camões). Esse grupo, caracterizado por poesia marcantemente musical, declamativa, perdeu ímpeto e rareou a publicação de livros originais pelo conteúdo e tratamento artístico/publicitário, hoje

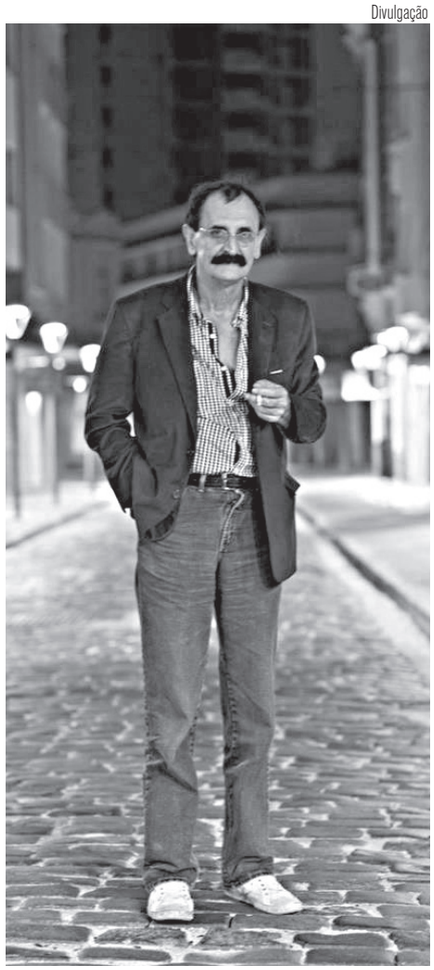
Priscila Forone

Rodrigo Madeira, autor de *pássaro ruim*, é um dos jovens poetas da atual cena curitibana.

Divulgação

O veterano Jaques Brand, autor *Brisais*

Divulgação



Antonio Thadeu Wojciechowski é um dos poetas mais atuantes da cidade.

raridades, mas tem em Thadeu o escritor mais atuante, na internet, onde diariamente publica poemas versificados e em tom vitalista.

Josely Vianna Baptista, com Francisco Faria, além de se firmar como uma das melhores e premiadas tradutoras hispânicas do país, criou a página (reunida em livro) *Musa Paradisíaca,* de 1995 a 2000, focada na discussão com interlocutores nacionais e estrangeiros e assuntos que vão da cultura Ameríndia à tradução e reflexão sobre escritores das Américas. Sua poesia encontrou um tom original na expressão de inspiração neobarroca hispânica, que evoluiu para um mergulho nas linguagens indígenas, resultando em seu livro mais recente, *Roça barroca*, em que mescla o resgate tradutório de textos guaranis e escrita poética inspirada nessa experiência. Também com inspiração nas culturas indígenas, ou *etnopoesia*, conforme prefere, depois de um contato inicial com a imagética simbolista e sempre priorizando a performance (com livros, CDs, declamações, identidades e revistas fundadas na poesia como *Medusa*, *Oroboro* e *Bólide* e muitas traduções, com destaque para a de Arturo Carrera), Ricardo Corona vem realizando um trabalho original, cujo livro mais recente, *Curare*, registra esse experimentalismo de linguagem em sua mais aprofundada complexidade e reflexão. Rodrigo Garcia Lopes, também performático (com *shows,* CDs, revistas e agora romance), vem compondo uma obra poética peculiar pelas experimentações de conteúdo e forma, com imagética inquietante. Seus recentes livro e CD *Estúdio Realidade* são sintetizadores dessas vertentes, mantendo o forte diálogo com a cultura norte-americana, aqui sinalizada por remeter a Burroughs, e agudizando um interessante tom crítico que se associa ao modo como compõe os poemas, criando "realidades" visuais. Essa sua atuação se combina na revista *Coyote* (um dos marcos da resistência da poesia no Paraná), que edita com Ademir Assunção e Marcos Losnak e remarca a vitalidade cultural existente em Londrina, com expressivo número de poetas e vocação globalizante transcendente. Losnak, também poeta, publicou apenas

ESPECIAL POESIA PARANAENSE

Divulgação

O poeta Jairo B. Pereira, que vive em Quedas do Iguaçu, no interior do Paraná.

Divulgação

Marcos Prado, morto em 1996, segue influenciando novos poetas em Curitiba.

um livro, com poemas de forte imagética metafísica, caracterizada por lirismo de negatividade poética. Assunção faz da poesia um libelo de insatisfação contra o mundo contemporâneo artificializado pelo consumo moldado pela cultura de massa norte-americana. A inquietação está também no livro *Faróis do caos*, onde dá voz a vários poetas críticos. Sua poesia é urbana, altamente oralizada, feita para declamar, daí a aproximação com o *rock,* na formação da banda Fracasso da Raça e no CD que agora promove, *Viralatas de Córdoba*, que se soma ao seu último livro, *A voz do ventríloquo* (Prêmio Jabuti de Poesia 2013). Maurício Arruda Mendonça, com a experiência da tradução de poetas clássicos chineses, do japonês Nenpuku Sato ou dos *beats*, aos quais soma traços da tradição, de Poe a Heráclito, em sua poética reverbera o senso de observação sutil da natureza, da memória e da cidade. Pelo mesmo caminho segue a poesia de Nelson Capucho. Mário Bortolotto ressoa em poemas de pegada *blues* a violência urbana e a marginalidade, afeito à estética *beat,* contra a sociedade de consumo representada por seu submundo fantasioso de super-heróis falidos, *jazz,* cinema, gibis, com estrangeirismos da cultura norte-americana e resquícios da contracultura dos anos 1970 em seus livros *Para os inocentes que ficaram em casa* e *Um bom lugar pra morrer.*

Domingos Pellegrini, que começou com uma poesia militante e muito crítica nos anos 1970, continua firme, variando sua temática que vai de um livro de sonetos primorosos como *Gaiola aberta*, a coletâneas como *Poesiamorosa* e *O tempero do tem*po, em que se comu-

Divulgação

De Londrina, mas radicado em São Paulo, Mario Bortolotto apresenta uma poesia bastante influenciada pelos *beats* americanos

Divulgação

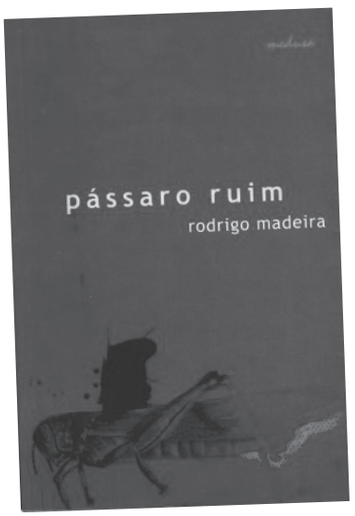
Sediada em Londrina, Karen Debértolis gravou o cd de poesia *A mulher das palavras.*

nica com o leitor com uma linguagem simples e eficiente e com característico senso de humor.

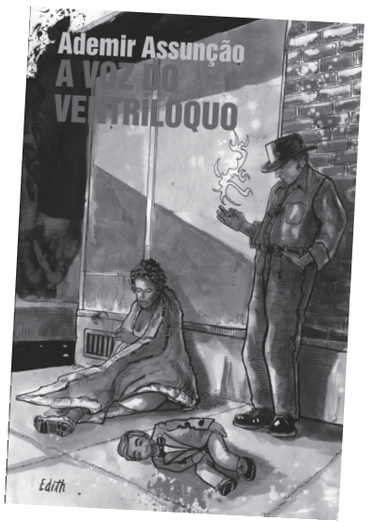
Nova geração

Os novos poetas que estão começando a publicar se destacam pela escrita refinada, denotando a prática tradutória significativa a que me referi. Guilherme Gontijo Flores traduziu nada menos que as *Elegias,* de Sexto Propércio; as *Odes,* de Horácio; *As janelas, seguidas de Poemas em Prosa Franceses,* de Rilke, em parceria com Bruno D'Abruzzo; e *A anatomia da melancolia*, de Robert Burton, em 4 volumes. Expressando refinamento, lançou recentemente seu primeiro livro de poemas, *Brasa enganosa*. Com ele se soma Adriano Scandolara, que traduziu ingleses românticos como Shelley. Scandolara publicou *Lira de lixo*, seu primeiro e corrosivo livro, que traz um olhar para a vida urbana. Somando-se a Bernardo Lins Brandão e Vinicius Ferreira Barth, sediados em Curitiba, Scandolara e Gontijo Flores criaram o site *Escamandro*, agora transformado também em revista de tradução impressa. Com eles, somam-se os trabalhos de Ivan Justen Santana e Rodrigo Madei-

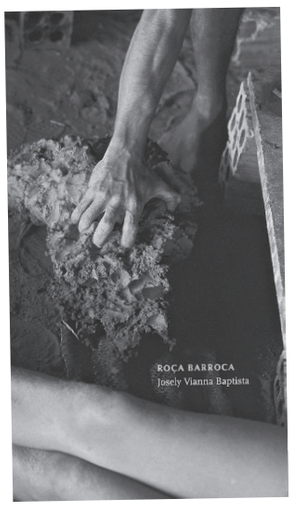
ESPECIAL POESIA PARANAENSE



Pássaro ruim, de Rodrigo Madeira



A voz do ventríloquo, de Ademir Assunção

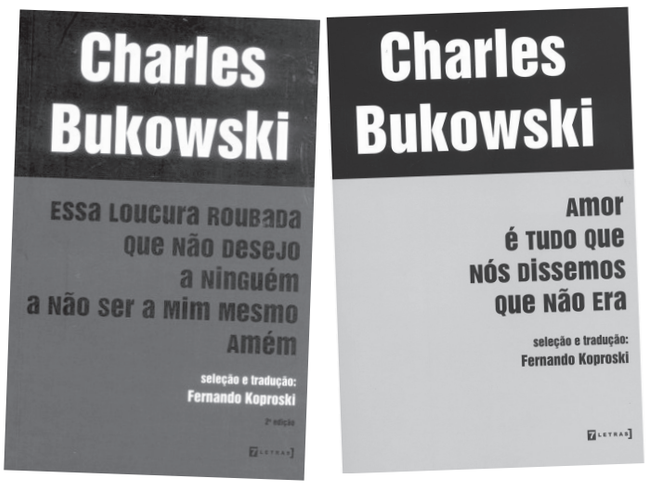


Roça barroca, de Josely Vianna Baptista

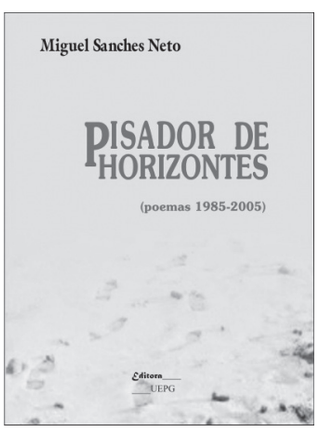
> “Os novos poetas que estão começando a publicar se destacam pela escrita refinada, denotando a prática tradutória.”

ra, de pegada variada e prolífica na tradução e com uma poesia que combina escrita elaborada, com senso de humor irônico, em nada lembrando a típica poesia de anos anteriores. Assim como eles, é importante mencionar o trabalho de Caetano W. Galindo, que ganhou o Jabuti 2013 pela tradução do *Ulisses*, de James Joyce. E, sem esgotar a lista, há os ingleses e irlandeses traduzidos por Luci Collin e os norte-americanos mais recentes (Bukowski e Leonard Cohen) vertidos ao português por Fernando Koproski. Diante dessa profusão de tradutores, pode-se imaginar o impacto que essa prática poderá ter na nova poesia parananense. Luci tem experimentado mais a prosa, não uma prosa qualquer, mas remarcada por uma escrita que se contamina de poética. Com marcante lirismo amoroso e irônico, Fernando Koproski, em livros de poemas e letras de músicas, demonstrou domínio e sutileza de escrita cujo desdobramento causa curiosidade após a passagem por Bukowski e Cohen.

Situa-se nesse cenário a produção apurada de poetas como Jussara Salazar, que explora a memória com lirismo refinado e expressão barroca percorrida por discreta metafísica; Mauro Faccioni Filho, cuja poética passou pelos clássicos gregos e chegou a uma dicção medida e racionalizada em que a incomunicabilidade se transparece na condição de “duplo dublê” do homem contemporâneo; Marcelo Sandmann, que concebe músicas e poemas de fina ironia e crueza, regidos por apuro formal e concisão, fazendo leitura crítica e dialogando com a obra de escritores tão variados quanto João Cabral, Leminski, José Paulo Paes, Dalton Trevisan e outros; Marília Kubota, que combina memória, paisagem e metafísica no registro de cruezas da vida solitária globalizada, com estranheza em re-

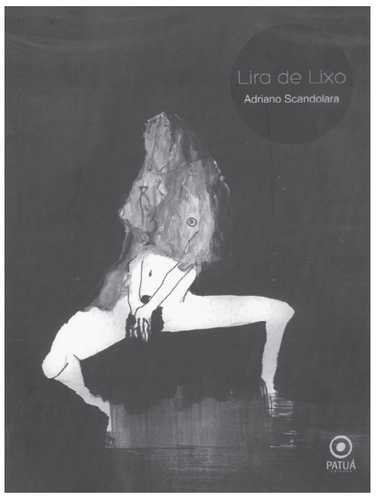


Livros de poesia escritos por Charles Bukowski e traduzidos por Fernando Koproski



Pisador de horizontes, de Miguel Sanches Neto

Jardim de Haijin, de Alice Ruiz



Lira de lixo, de Adriano Scandolara

Na franja dos dias, de Marcelo Sandmann

> “Se é alta e de qualidade a deglutição, a regurgitação não fica a dever e o momento em que vivemos é promissor, anunciando valiosas obras poéticas.”

lação aos semelhantes, agregando mais recentemente um tom crítico e irônico que se consolidou no seu recente livro *Esperando as Bárbaras*; Miguel Sanches Neto, com poética marcante, que vai da autobiografia ficcionalizada à biografia dum outro na barroca Ouro Preto, em tons trágicos, no ótimo livro *Venho de um país obscuro*, além de conceber um senso de humor distinto na reunião *Pisador de horizontes*; Rodrigo Madeira, que registra a cidade e a vida urbana com densidade e múltiplos referenciais, no ótimo livro *pássaro ruim*; Edson Falcão, com uma poesia impactante, entremeada de surpresas pela forma como observa e escreve, nos três ótimos livros cujos títulos já são por si instigantes: *As musas do canal Belém*, *O ossário de um ferreiro* e *A fachada e os fundos*; Mario Domingues, tradutor de Lucrécio, Ovídio, Propércio e um cummings indicado ao Jabuti, os quais, com outros referenciais, interagem na imagética poesia de *paisagem transitória* e *musga*; a poesia irônica de Helio Leites, a marginal de Batista de Pilar; o experimentalismo caótico com a linguagem esvaziada de sentido e ressignificada nos livros de Amarildo Anzolin, assim como também na de Ricardo Pedrosa Alves, em registros distintos; a revitalização bem humorada do haicai em Álvaro Posselt (que está também nos “haicaipiras” de Pellegrini) e a reafirmação de sua tradicionalidade em Alice Ruiz; o sujeito poético “ultracontemporâneo” e urbanóide de Ana Guadalupe; o erotizado de Greta Benitez, assim como em Dalton Trevisan ao reinterpretar os *Cânticos*; a metafísica e as marcas da memória e do tempo em Paulo Venturelli, Fábio Campana, Bárbara Lia e Karen Debértolis; a forte associação da poesia com vertentes da música, como em Nelson Alexandre, Ricardo Pozzo, Alexandre França, Estrela Leminski, Neuza Pinheiro; o neo simbolismo de Andreia Carvalho; a escrita e um eu poético multifacetados em Luiz Felipe Leprevost.

Fora da capital há poéticas singulares como a de Jairo B. Pereira, com poemas de linguagem crítica reiterativa, tematizando a vida à beira do Rio Iguaçu, pastoril, ora contaminando-a com signos de consumo urbano ou a vida dos sem-terra; é curioso que numa mesma pequena cidade como Quedas do Iguaçu haja outro tão prolífico autor como Jairo, Solivan Brugnara, com uma poética que registra o cotidiano na fronteira com o Paraguai ou explora temáticas sobre a vida no interior, sempre com senso crítico peculiar e distintivo; Marco Aurélio Cremasco combina nostalgia do campo e desajuste à vida urbana, passando pela temática religiosa, buscando a síntese da simplicidade expressional.

Se é alta e de qualidade a deglutição, a regurgitação não fica a dever e o momento em que vivemos é promissor, anunciando valiosas obras poéticas. Já quanto à minha obra, deixo-a com *Os mortos na sala de jantar*, em banquete regado a *Pirão de sereia* e de poetas, como estes todos. ■

ESPECIAL POESIA PARANAENSE

O poema distante

ANA GUADALUPE

o poema não aparece há três semanas
quando procurado nas revistas, se afasta
até a última página

do livro preferido não há mais poema
resta o leitor relapso, talvez esquizofrênico
que confundia romances policiais ao contrário

folhas dos cadernos brochura ao lado
de uma cama de solteiro sem lençóis, colchão exposto
onde escreveu seus versos mais estúpidos

mas não piores que outros
que ainda virão antes que o poema volte
se é que volta

o poema não está a fim
de conversa
o poema recusou convites
pra comer fora

dizem que a ausência de mensagens
é sinal de partida definitiva, mas há esperança
do celular do poema estar sem bateria

Ilustrações: Maciel **Conrado**

Ana Guadalupe nasceu em 1985 em Londrina, estudou Letras na UEM e hoje mora em São Paulo, onde trabalha como redatora. Seus poemas foram publicados em antologias como *Peso pena*, *otra línea de fuego: quince poetas brasileñas ultracontemporáneas* (Espanha) e periódicos literários como *Suplemento Pernambuco* e *Lado7*. Seu primeiro livro, *Relógio de pulso*, foi publicado em 2011 pela 7Letras.

RICARDO
PEDROSA ALVES

o sir raymond williams ‘esse
merecia ser sir’ me olha
com uma florestinha
cortada por sinuosa
estrada e umas chaminés
fumacentas no alto
de prédios todos acesos
a edição de bolso da
companhia de bolso
de o campo e a cidade
na história e na literatura
ajuda um pouco mas
nosso acúmulo é
torto outro à margem
falo da clivagem
da escravidão
e dos índios sem
etnia da rodoviária
encostados no
muro com seus
foguinhos foguíndios

Ricardo Pedrosa Alves nasceu em 1970, em Governador Valadares-MG. É professor de Ciência Política e cursa doutorado em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Publicou as coletâneas de poemas *Desencantos mínimos* (1996) e *Barato* (2011). Vive em Guarapuava (PR)

Os melhores poetas
FERNANDO KOPROSKI

Os piores poetas morrem em grandes
salões ovais, com roupa de gala e ao
som de impecáveis quartetos de cordas.
Os piores poetas morrem laureados
por inúmeros prêmios da academia,
reconhecidos pela crítica especializada
como dicções únicas da literatura de sua
língua ou de seu país. Os piores poetas
quando morrem, deixam seus bustos e
poemas esculpidos em mármore no hall
de entrada das universidades.
Os melhores poetas quando morrem,
deixam apenas seus poemas esculpidos
em sangue.

Os melhores poetas quando morrem,
deixam apenas
seus poemas esculpidos em sangue
no meio da rua,
no meio das nuvens,
no meio das árvores no fim de tarde
e no meio das páginas de tuas coxas,
poesia

sim, poesia,
os melhores poetas morrem
desvendando as palavras
em tuas pernas cruzadas

sim, primavera,
os melhores poetas morrem
com teus seios pequenos em suas mãos
enquanto seus dedos dizem
em sigilo em tua pele uma oração

sim, primavera,
os melhores poetas morrem
enquanto você cruza as pernas
e espera
pintando as unhas
com o sangue das gérberas

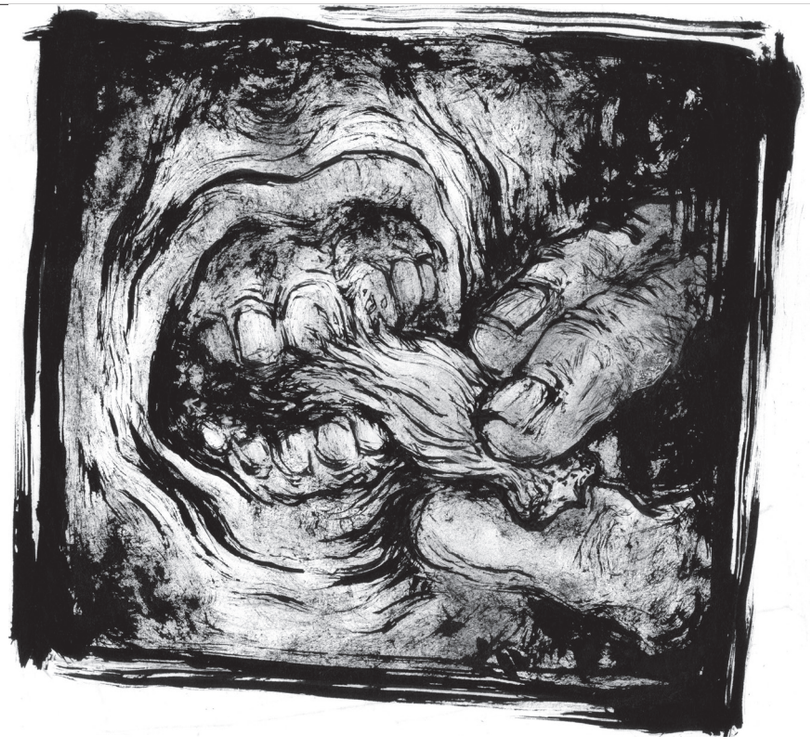
os melhores poetas quando morrem,
deixam apenas
seus poemas esculpidos em sangue

sim, primavera, porque
os melhores poetas quando dormem,
sonham com
seus poemas esculpidos em fogo

no meio da lua,
no meio das nuvens,
no meio das árvores no fim de tarde
e no meio das páginas
de tuas coxas

Fernando Koproski nasceu em Curitiba, em 1973. Publicou os livros de poemas *Sapatos tortos* (1998), *Manual de ver nuvens* (1999) e *Tudo que não sei sobre o amor* (2003). Como tradutor, organizou e traduziu as antologias poéticas de Charles Bukowski *Essa loucura roubada que não desejo a ninguém a não ser a mim mesmo amém* (2005) e *Amor é tudo que dissemos que não era* (2012).
Vive em São José dos Pinhais (PR).

ESPECIAL POESIA PARANAENSE



Íbis
AMARILDO ANZOLIN

o íbis
ave
e o Íbis
time
são a mesma coisa.

a ave,
chinesa,
dá sorte,
é imortal;

o time,
de recife,
não faz gol
(ou se faz não é suficiente).

o que os une
(e o que faz querer nos unir a eles),
é a ideia
da imortalidade.

uma,
não só representa,
como é a imortal
idade,
voando,
como que para trás
– asas vorazes assazes –,
evitando as cidades
e os fins de tarde:
liláses.

o outro,
nunca vence,
para não desguarnecer
a vitória
– rainha da esbórnia –,
não deixá-la
exposta;
derrota-se,
para fortalecer
os seus véus de Ísis
– mortalhas da
mortalidade –,
para, ipsis literis,
não sacrificar a
notoriedade
da conquista.

Amarildo Anzolin nasceu em Curitiba, em 1970. É compositor, roteirista, performer, radialista e revisor. Publicou, entre outros livros, *Co-lapso* (1995), *Igual* (1998) e *Evite permanecer nesta área* (2012). Vive em São Paulo (SP).

Oceano diário
MAURO FACCIONI FILHO

entramos juntos naquela nau dos insensatos
que mais parecia um velho hotel assobradado
com as cabanas espalhadas
pelo quintal

entramos em grupo de visita familiar
cada um com suas profundas inseguranças
numa tarde de azul intenso e infeliz
de claridade solar

eles haviam arrumado seus quartos com o cuidado
dos que levam tudo rumo ao fim e ao nada
com o desleixo dos doentes e dos maus
para nosso olhar

e meu pequeno filho muito puro e esperançoso
viu num violão de cordas trocadas
jogado no canto da cama feito uma coroa
um jeito de se isolar

porque não tínhamos vontade nem desejo de seguir
o que o destino trouxe sem termos pedido
e li nos olhos do meu filho como é salgado crescer
contra as ondas do mar

Mauro Faccioni Filho nasceu em Maringá (PR), em 1962. Publicou, entre outros, *Olhos cegos* (1990), *O grande monólogo de Madrija* (1989) e *Duplo dublê* (2002). Foi cofundador e coeditor de *Babel* – Revista de poesia, tradução e crítica, para a qual traduziu poetas norte-americanos, canadenses e argentinos. O autor vive em Florianópolis (SC).

Saldade

RICARDO SCHMITT DE CARVALHO

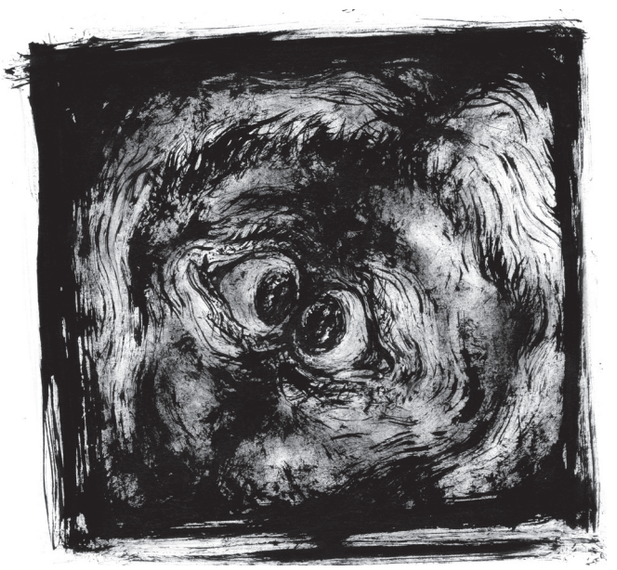
Tentei cozinhar uma canja
Minha mãe deu a receita
Pus arroz japonês
Virou risoto
Quis convidar a moça pro jantar
Ela sumiu
Virou o rosto
Chorei no caldo da sopa
O mar salgado é português

*

Ave padre

ave padre adelir do delírio
são ícaro de balaão
vogai por nós entre as estrelas
do mar do sal na imensidão
sai de paranaguá entra pra história
uma ideia na cabeça um tal de gps na mão
um santo um tanso um mártir
além do bem do mal e da razão

Ricardo Schmitt Carvalho nasceu em 1966, em Curitiba. Letrista, roteirista e redator de publicidade, traduziu poemas de Duda Machado para o inglês (*Desencontrários – 6 poetas brasileiros*, org. Josely Vianna Baptista, 1995) e de Rupert Brooke e Robert Stock para o português. Publicou o livro *Lascas* (2002).



ÁLVARO POSSELT

Chronos, quanto o senhor cobra?
Quero ter de volta o tempo perdido
e muito tempo de sobra
*
Faltou luz na caverna
No meio de tanta sombra
Até cobra tem perna
*
Ele diz ser um achado
A mulher da sua vida
Numa esquina da Cruz Machado

Alvaro Posselt nasceu em Curitiba, em 1971, onde é professor de língua portuguesa. Participou de diversas antologias de haicais e minicontos, também publicados em revistas e jornais. Em 2012 publicou o livro de haicais *Tão breve quanto o agora*. Vive em Curitiba (PR).

ESPECIAL POESIA PARANAENSE

Pensem na planta antropofágica

GUILHERME GONTIJO FLORES

no cauim comercial
na planta que consome a pedra
consome a água
mais dura que a pedra
e reverte o verde da carne em muro
em pele estanque

no não lugar entre a carne
e novamente a pedra
repleta de um som silente de planta

Na racha fibrosa da língua

a querer domar
amansando na fala
o fundo maior do velho
mundo

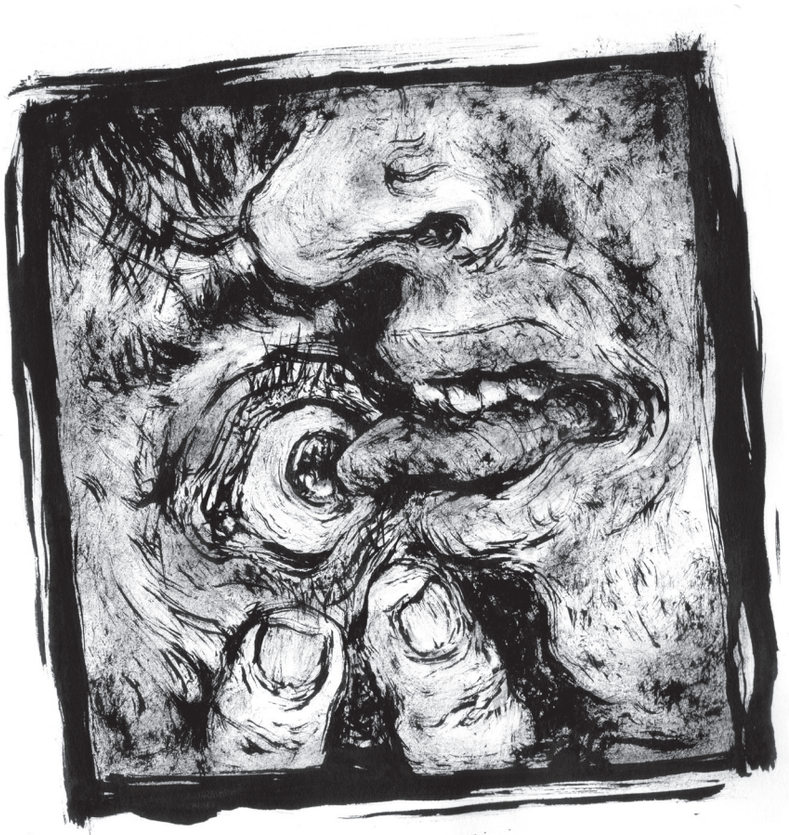
vomitamos insinceros
a vida num caldo
cauim de cultura
incultos sabores gentios

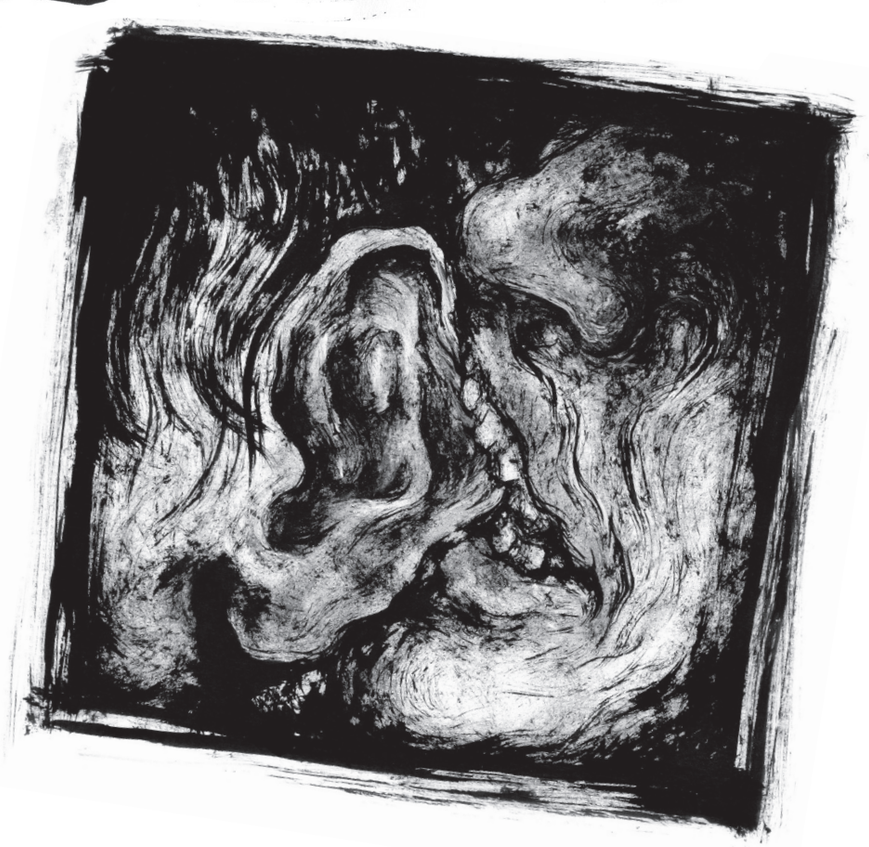
mas antes de moldar-nos homens
tolos moldam anjos

A leveza da lâmina tupi

é o que se há de usar
quem ri goza o que não ri
desfez-se o eu polido a pedra

no mas muero porque no muero
mas rio porque não rio





Guilherme Gontijo Flores nasceu em Brasília, em 1984. É graduado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e mestre em estudos literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É tradutor e professor de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em 2013 publicou o livro de poemas *brasa enganosa*. Vive em Curitiba.

Monólogo de um pé-vermelho

MARCO AURÉLIO CREMASCO

amanheci o céu na grama amarelecida
só para comê-lo com pão e margarida

já bem tarde, cansado de ser caçado por uma sombra,
rejeitei as sobras de ser ninguém para ser sol na face de alguém

meio urbano meio caipira tangi vinte liras
fora de moda, pois a moda não é violeta, é de viola

fiz-me assim para ser celestino longe do nepal
caçar rimas e colher sons é uma preferência nacional

nesta noite, quando muitos brigam por sobremesa,
fico de tocaia no prazer de virar a mesa

esfomeado, aguardo a saci astronauta
para completá-la na perna que lhe falta

saciado, adormeço no seio de um riacho
para acordar numa cama de capim

e assim tudo será como sempre foi:
olhar de índio velho sorriso de curumim

Marco Aurélio Cremasco nasceu em Guaraci (PR), em 1962. Publicou os livros de poemas *Vampisales* (1984), *Viola caipira* (1995) e *From Indiana* (2000). Também é autor do romance *Santo reis da luz divina* (2005) e do livro de contos *Histórias prováveis* (2007), ambos editados pela Record. Em 2010 foi contemplado com a Bolsa Funarte de Criação Literária para a escrita do romance *Evangelho do Guayrá*. Vive em Campinas (SP).

Funeral blues

SOLIVAN BRUGNARA

Carregando o caixão de meu velho amigo
Estou sorrindo, sorrindo porque lembrei quando éramos
dois garotos negros e esfomeados no verão de 45
e pegamos um guaxinim
em uma armadilha
e o soltamos no galinheiro da Senhora Robert
então roubamos a galinha mais gorda dela.
A culpa foi toda para o pobre do guaxinim.
E senhora Robert ficou procurando
por horas por onde tinha entrado o maldito guaxinim
e nós ríamos dela de barriga cheia.

E da bondade da velha prostituta Berta
que aceitou dois garotos em troca de alguns centavos e duas maçãs
A piedosa prostituta Berta que Deus a tenha.

Sonhávamos eu e você em jogar beisebol
você era bom e eu ruim
Você sabia disso seu malandro
mesmo assim sonhávamos juntos.
No fim acabamos mesmo é colhendo algodão
e construindo algumas casas.

Lembro de suas mãos marcadas de colher algodão,
que colher algodão não é macio como se possa pensar.

Lembra seu velho safado
Quando você estava apanhando do Holly.
É, você era pequeno, mas corajoso,
Não aceitou quando ele te chamou de negro sujo.
Tua sorte que chequei na hora
e acertei um soco bem nas fuças do safado,
Bati tão forte que arranquei o dente de ouro dele.
O Holly correu feito uma lebre,
pegamos o dente de ouro
e vendemos e fomos tomar sorvete.

Estou sorrindo, engraçado como um sorriso pode ser triste.

Oh Senhor leve meu amigo em paz.
Vou continuar a tocar minha guitarra na varanda,
agora sozinho.

Solivan Brugnara nasceu em Dois Vizinhos (PR), em 1968, e vive em Quedas do Iguaçu (PR). Publicou os livros de poemas *Incoerências* (2004) e *Encantador de serpentes* (2007).

MERCADO EDITORIAL

Esvaziando as gavetas

Escritores paranaenses ou radicados no Estado prometem vários lançamentos em 2014

GUILHERME MAGALHÃES

No que diz respeito à literatura feita no Paraná, por paranaenses ou radicados no Estado, 2014 promete. De estreantes a autores consagrados, o ano literário que começa sinaliza que serão muitas as sessões de autógrafos. Tem de quase tudo e para todos os paladares: conto, romance, até prosa performática, infantil, juvenil e poesia. Se é da quantidade que vem a qualidade, os leitores e críticos fiquem atentos, e fortes: deve haver muita intensidade nessas páginas anunciadas.

O maringaense Oscar Nakasato, vencedor do Jabuti 2012 de Melhor Romance com *Nihonjin,* conta que o seu novo romance, ainda sem título, traz protagonistas nipo-brasileiros, a exemplo do que os leitores encontraram em sua obra de estreia. O enredo da próxima obra deve apresentar uma trama diferente da de *Nihonjin*. "Como são dois narradores-personagens, estou procurando uma dicção diferente para cada um, o que não é fácil", explica.

O curitibano Cezar Tridapalli vai publicar *O beijo de Schiller* pela editora Arte & Letra ainda no primeiro semestre — o romance venceu o prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2013 na categoria ficção. De acordo com o autor, a narrativa coloca em cena um escritor de relativo sucesso que, em meio à escrita de um romance, torna-se refém de um misterioso sequestrador que o desestabiliza de diferentes modos. "Há uma questão técnica do foco narrativo que, no meu primeiro romance, era em terceira pessoa. Agora, a narração será em primeira pessoa, com trechos em terceira pessoa do romance que o protagonista está escrevendo", adianta Tridapalli. O escritor observa que os personagens do novo livro, comparados aos de *Pequena biografia dos desejos*, o seu primeiro romance, carregam em si as contradições próprias do ser humano. "Eles são carentes e sensíveis, ao mesmo tempo em que mostram egoísmo e cinismo, transitando por aspectos mais variados do nosso caráter".

Divulgação

Vencedor do Jabuti 2012 de Melhor Romance, por *Nihonjin*, o escritor Oscar Nakasato finaliza seu segundo romance, a sair pela Benvirá. Protagonistas nipo-brasileiros, novamente, encontram-se no centro da obra do autor de Maringá, que, no entanto, garante tratar-se de um livro bem diferente do anterior.

Paulinha Kozlowski

Cezar Tridapalli venceu recentemente o prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2013 na categoria ficção, com o romance *O beijo de Schiller*, já acertado com a Arte & Letra para o primeiro semestre. Em seu segundo livro, o autor curitibano explora nuances mais complexas no caráter de seus personagens.

Finalista da última edição do prêmio Portugal Telecom com o romance *A máquina de madeira*, Miguel Sanches Neto, que vive em Ponta Grossa, finaliza um outro romance, que irá retratar o que teria acontecido com o Brasil caso Getúlio Vargas tivesse declarado apoio aos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. O livro foi a primeira ficção nacional encomendada pela editora carioca Intrínseca, em 2012. Sanches Neto lança ainda a coletânea de contos *O móvel mundo*, pela Companhia das Letras, e *Poesia reunida*, pela Ficções.

Estreias

A editora paulista Terracota promete disponibilizar nas prateleiras e gôndolas de livrarias, logo no início do ano, *Sísifo desatento* — livro finalista do Prêmio Sesc de Literatura em 2007, escrito pelo curitibano Homero Gomes. "Nessa reunião de contos, tenho a preocupação não apenas com a construção da linguagem, mas em contar histórias que transitam pelo *nonsense*, o fantástico, o suspense e a violência urbana", afirma. Gomes conta que os primeiros contos do livro foram escritos há dez anos

MERCADO EDITORIAL

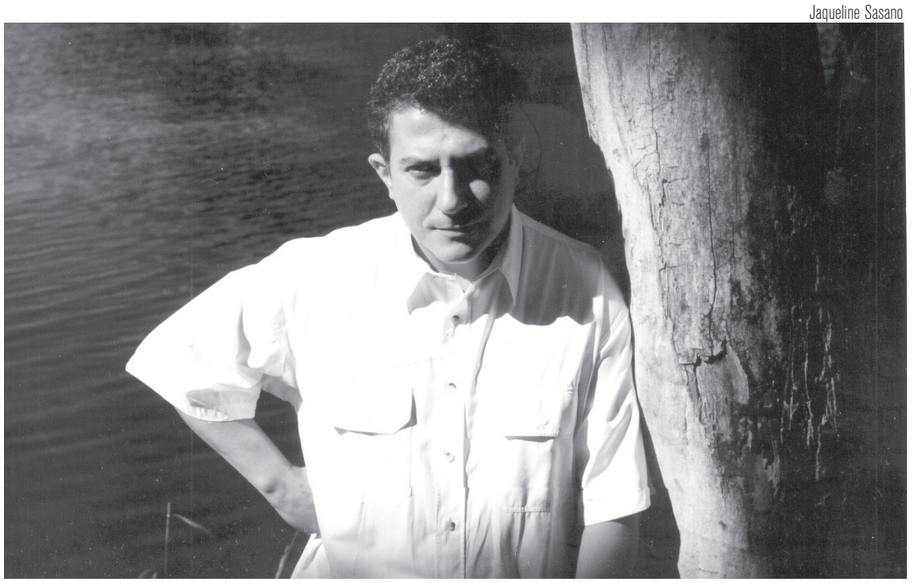
e reescritos desde então. *Tempo do corpo*, primeiro romance do escritor, também está previsto para 2014 e integra uma coleção de novos romancistas idealizada pelo editor Paulo Sandrini, da curitibana Kafka Edições. "Iniciei o livro em 2008, mas ele ainda não recebeu o ponto final, continua recebendo retoques, principalmente em relação ao enredo", conta o autor, que escreve uma narrativa policial protagonizada por um detetive e ex-torturador do regime militar.

Outro autor que faz uma incursão pela literatura policial é Rodrigo Garcia Lopes, que no primeiro semestre de 2014 publica *O trovador*. Assim como Homero Gomes, o poeta londrinense vai fundir à narrativa de mistério reflexões históricas de sua cidade natal. Autor das coletâneas de poemas *Visibilia* e *Nômada*, entre outros livros, Garcia Lopes faz sua estreia na prosa. "Levei alguns anos para terminá-lo, com certeza bem mais do que eu imaginei quando comecei a escrevê-lo", revela.

O trovador será publicado pela editora Record e é ambientado nas cidades de Londrina e Londres, em 1936. "Além da paixão mais recente pelo gênero [romance policial] e pela história de Londrina, o livro tem como pano de fundo a saga da colonização do Norte do Paraná, 450 páginas e uma trama complexa. Um pouco da pegada do romance-enigma britânico, mas também do *noir* americano, do romance de aventura", explica Garcia Lopes, que critica o histórico desprezo da crítica literária brasileira à narrativa policial. Segundo o autor, o romance pretende levantar questões de identidade e moral, além de corrupção política, relações internacionais e colonialismo.

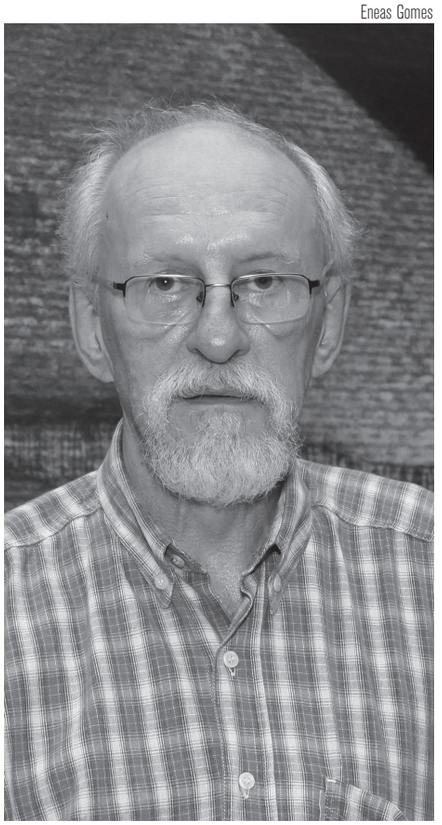
Já o catarinense Paulo Venturelli, radicado em Curitiba desde 1974, adianta que seu próximo romance, *Madrugada de farpas*, abordará um relacionamento homossexual. "Trata da história de dois rapazes que estudam na Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde cursam letras e se apaixonam. Um é negro, outro é loiro. Para dialogar com *Bom crioulo*, de Adolfo Caminha. Como nesta província esse tipo de relacionamento ainda é mal visto, os dois terão de enfrentar todas as vicissitudes do gênero para viver o que lhes interessa", afirma Venturelli, adiantando que o romance está em fase de leitura por uma editora.

Jaqueline Sasano



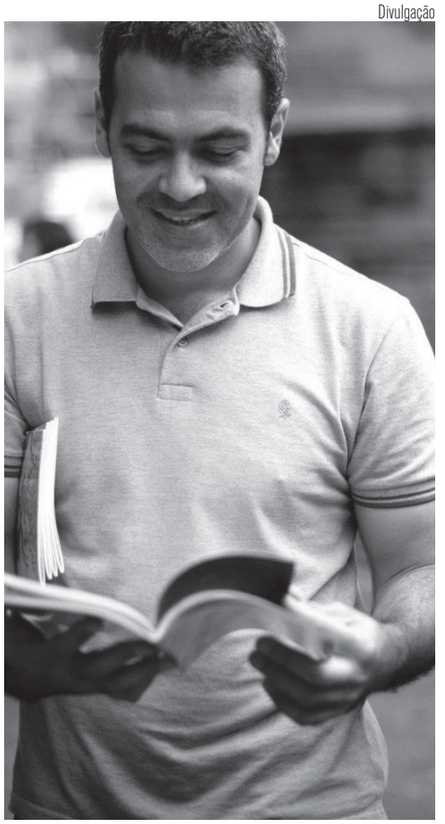
O poeta Rodrigo Garcia Lopes estreia no romance com *O trovador*, narrativa policial prevista para março, pela Record. O livro tem como pano de fundo a colonização do Norte do Paraná e a história de sua cidade natal, Londrina.

Eneas Gomes



Catarinense radicado em Curitiba há 40 anos, Paulo Venturelli lança um novo título infantil, *Pê e o vasto mundo*, pela editora Positivo, e o romance *Madrugada de farpas*. Em fase de leitura por editoras, o livro aborda o relacionamento homossexual entre dois universitários, um negro e um loiro.

Divulgação



O escritor e compositor Carlos Machado lança seu terceiro livro de contos, *Passeios*, pela editora Arte & Letra. Segundo o autor, a obra dialoga com suas duas coletâneas anteriores, em uma narrativa cujos personagens buscam seguidamente suas origens, em cenários tão diversos como Londrina e Paris.

Confirmado mesmo está seu próximo título infantil, *Pê e o vasto mundo*, com lançamento no segundo semestre pela Positivo — editora que também publicou seu *Visita à baleia*, vencedor do prêmio de Melhor Livro Infantil de 2013, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). "*Pê* é um texto anfíbio, talvez um poema em prosa ou prosa em versos. É a captação de momentos, instantâneos de Pê, um menino que está crescendo e descobrindo certas facetas do mundo, suas impressões, e que tem sua consciência mostrada por meio de filigranas poéticas, sem jamais cair numa narrativa com começo, meio e fim", conta o autor.

Na banca e no digital

Com uma obra extensa, Domingos Pellegrini deve ter um 2014 com vários lançamentos. *A revolução dos cães*, romance juvenil de ficção científica, será lançado pela editora Moderna, enquanto *Perfeito de todo jeito*, sobre obesidade juvenil, sai pela editora FTD. Já a Geração Editorial publica *O rato e a sementinha*, este para os pequenos.

Mas Pellegrini guarda ainda dois lançamentos para este ano. O livro de memórias *Lembranças de Leminski*, que circulou pela internet em outubro passado com o título *Passeando por Paulo Leminski*, já tem editora contratada, que o autor prefere manter em sigilo. A obra será lançada assim que o Supremo Tribunal Federal decidir sobre a publicação de livros biográficos sem a necessidade

Roberto Custódio

O londrinense Domingos Pellegrini promete lançar três títulos infantojuvenis em 2014, além de um volume de crônicas. Mas o destaque ficará por conta de *Lembranças de Leminski*, livro de memórias que teve sua publicação impedida pelas herdeiras do poeta.

Kraw Penas

Cristovão Tezza lança em março *O professor*, considerado pelo autor seu melhor romance. O escritor catarinense radicado em Curitiba promete ainda um livro de contos inéditos, *Uma questão moral*, impresso artesanalmente em tiragem limitada pela Arte & Letra, e um volume de textos críticos e ensaios exclusivamente em *e-book* pela Amazon.

de autorização do biografado ou herdeiros. No ano passado, a poeta Alice Ruiz, viúva de Leminski, mostrou-se contrária à publicação da obra escrita por Pellegrini. Segunda ela, o livro do escritor londrinense traz uma visão negativa do poeta curitibano, morto em 1989.

O outro lançamento do autor de *Terra vermelha* é o livro de crônicas *Amorumor*, que integra uma coleção preparada pelo jornalista Rogério Mainardes para a *Gazeta do Povo*, visando a distribuição em bancas.

Cristovão Tezza também ataca em diversas frentes em 2014. Seu novo romance, *O professor*, será lançado em março pela Record — e em nada lembra o tom autobiográfico de *O filho eterno*, livro que lhe rendeu vários prêmios. Tezza prefere não adiantar muitos detalhes, mas parece otimista em relação à recepção do livro. "É um romance de fôlego, que me consumiu dois anos de trabalho e que considero meu melhor romance", declara ele, que publicará ainda *Uma questão moral*, reunião de três contos inéditos em livro — a sair pela Arte & Letra em tiragem limitada de 200 exemplares e impressão artesanal.

Para os leitores já acostumados ao universo dos livros digitais, Tezza prepara uma coletânea de 100 textos críticos e ensaios, publicados na imprensa entre 1995 e 2013. *Leituras: resenhas & ensaios* terá apresentação do crítico Manuel da Costa Pinto e será lançado exclusivamente em e-book pela Amazon.

Romance-performance

O escritor e músico curitibano Carlos Machado lança, também, pela Arte & Letra, *Passeios*, livro de contos que ele considera uma continuação dos seus trabalhos em *a voz do outro* (2004) e *nós da província: diálogo com o carbono* (2005), ambos publicados pela casa carioca 7Letras.

"Em *a voz do outro*, o personagem se confunde com o narrador e está em busca de uma voz para contar suas histórias, mas descobre que só conseguirá essa voz caso ouça muitas outras ao seu redor. No caso de *nós da província*, o personagem é muito intimista dentro de sua cidade e se busca dentro de si e não na cidade", explica Machado. Em seu novo livro, os personagens buscam suas próprias origens, em cenários que vão desde Londrina, São Paulo e Manaus, até Lisboa, Paris e Rio de Janeiro.

Um romance-performance é como o curitibano Alexandre França classifica *Hidra*, que sai ainda no primeiro semestre pelo selo Encrenca – Literatura de Invenção. "Não há um eixo narrativo ou uma conclusão lógica, mas uma performance. Textos poéticos são encontrados em diferentes locais por diferentes mulheres, textos que entram em curto circuito com o momento que elas estão vivendo", adianta o autor, que tem programado para 2014 outro romance, este pela Arte & Letra. O drama dos viciados em crack está no centro do enredo de *Arquitetura do mofo*. "É uma droga muito potente que, sem moralismo, corrói o indivíduo em pouquíssimo tempo. Penso que o livro acaba sendo uma reflexão acerca das relações tortuosas entre usuários e não-usuários", conta França.

Parceiro de França em algumas composições musicais, o escritor e poeta Luiz Felipe Leprevost pretende dar continuidade à sua "trilogia da geada", iniciada em 2011 com *E se contorce igual a um dragãozinho ferido*. Previsto para o primeiro semestre do ano, *Dias nublados* é uma novela que, inicialmente, integraria a Coleção Osório da Arte & Letra, com histórias profundamente ligadas à espaços da cidade. "O personagem principal mora na região central de Curitiba, mas não é um livro muito focado no centro, e sim num deslocamento cíclico e ininterrupto", conta Leprevost, que comenta ainda sobre a linguagem do livro, menos experimental que a observada em sua última obra, *Salvar os pássaros*, publicada pelo selo Encrenca. "Não é uma linguagem tão aberta, entortada e experimental, mas também não espero que seja totalmente aristotélica no sentido de começo, meio e fim. Cada livro impõe a sua forma", finaliza.

O curitibano Guido Viaro, autor de uma dezena de livros, como *Confissões da condessa Beatriz de Dia*, procura editoras para publicar seus próximos romances. *A sombra oca* narra a trajetória de um homem de meia idade que embarca numa viagem ao redor do mundo e se perde nos confins da Ásia, enquanto *Shopping Mall — O triunfo do consumo* traz elementos de ficção científica e é ambientado no ano de 2166.

O escritor Marcio Renato dos Santos prefere manter o suspense e não revela o título de sua nova coletânea de contos, que sai em março pela Travessa dos Editores. No mesmo mês, o autor lança o *Dicionário amoroso de Curitiba*, livro que integra um projeto da editora baiana Casarão do Verbo, que convidou escritores das 12 cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 para escreverem um dicionário ficcional de suas metrópoles. Autores como João Carrascoza (São Paulo) e Altair Martins (Porto Alegre) também fazem parte da coleção.

Publicando pelo menos um livro por ano na última década, Dalton Trevisan retorna com *O beijo na nuca,* pela Record (leia contos do livro a partir da página 34). Outro livro de Trevisan está previsto pela Arte & Letra, no esquema artesanal de tiragem limitada. Os editores, porém, são cautelosos e preferem divulgar poucos detalhes da obra, ao modo de Dalton. ■

CONTOS | **DALTON TREVISAN**

Os quatro contos publicados nesta edição do **Cândido** fazem parte do livro inédito *O beijo na nuca*, de Dalton Trevisan, que a editora Record publicará no primeiro semestre deste ano.

NAMORADA

Depois que vê a garota ele corre se olhar no espelho: não pode negar, *meio* feio? *quase* feio? Numa palavra, feio. Dia seguinte desiste do bigode ralo. Quem sabe costeleta ou cavanhaque?

A menina o enfeitiça. Possuído, sim. Febrícula, sonho delirante, falta de ar, sede mas não de água.

Ela surge enrolada no garfo do suculento espaguete à bolonhesa. De sainha xadrez na primeira tarde, ó deliciosa bolacha Maria com geleia de uva. Formigas de fogo mordem sob a camisa quando ela vem na rua, brincando com o arco-íris na ponta dos dedos.

Consegue afinal apertar-lhe a mãozinha na luva de crochê, ri (descuidoso de ser feio) dentro de seus olhos glaucos. Discutem o narizinho, quem sabe arrebitado, segundo ela. E para ele, nada mais bonito que tal narizinho.

Meio do sono acorda, olho arregalado no escuro. A sua imagem o percorre, impetuoso vento por uma casa de portas abertas. Ninguém por perto, fala sozinho. A mãe o acha mais magro. Quem dera ser o terceiro motociclista do Globo da Morte.

Em guarda no portão, as mãos suadas, fumando. Ela aparece: um caramanchão florido de glicínia azul. Olhinho esquivo que fixa e foge. O sorriso (uma virgem fatal?) na pequena boca fresca.

Um dentinho ectópico no lado esquerdo, onde a palavra *tiau* esbarra quando sai. Ah, se ela deixar, passa o resto da vida adorando esse dentinho.

Espera outras vezes, fumando aflito, um cigarro aceso no outro. Ele mesmo um cigarro em chamas. A mocinha não quer lhe dar a mão. Como pode, uma santinha disfarçada na terra? Depois, deu.

Brava, ainda mais linda. Toda rosa, o lenço no pescoço, gatinha na janela depois do banho. A curva altaneira da testa, os cachos loiros arrepiados ao vento.

Ai, não, uma pérola na orelha. A pérola *da* orelha. Uma divina orelhinha esquerda, sabe o que é?

A voz meio rouca: *Adivinhe o que eu tenho na mão?* "Bem, pode ser tanta coisa." *Bala de mel, seu bobo. Pra você que não merece.*

Já esquecido de timidez e feiura: "Sabe o que eu mais quero? É embalar você no colo."

Pronto, ofendida, lhe negaceou o rosto. De mal, até amanhã.

Amanhã nosso herói vai cultivar uma barbicha. ■

CHOVE CHUVA

A fumaça da chuva sobe pela chaminé das casas e se espalha sobre a cidade. Um fio de silêncio cai de cada gota. As gatas dengosas se viram de costas para dormir. Chove chuvinha, um lado da palmeira nunca se molha.

A casa das formigas não tem porta, e quando chove, não se afogam? Piam milhares de pardais entre as folhas do chorão. Não existe melhor conchego que um barzinho. Nada como a meia grossa de lã. Apaixonadas ou não, mocinhas espirram na fila do ônibus.

Neste instante há no mínimo três mil pessoas infelizes com o sapato furado. Basta que não chova eu me chamo Felipe, o Belo. Como pisar na lama, garotas da várzea, sem sujar as sapatilhas? Orelhas de piás são puxadas por brincarem na chuva. Os mascates que vendem maçã na rua, em desespero comem as maçãs?

Não estivesse chovendo eu teria sete filhos.

Guardas de trânsito abrem os braços na esquina e apitam: por que choves, Senhor? Chove que chuva, apaga o meu recado de amor no muro.

Mães pensam nos filhos tão longe, uns dedos trêmulos na vidraça: dona mãe, me deixa entrar. Em cada lata vazia repicam os sinos da chuva.

As mãos no bolso não esquentam. Alguns viúvos choram na fila, esse ônibus nunca vem. Ora, gotas de chuva, pensam os vizinhos. Todos querem esse guarda-chuva esquecido num dia de sol, quando havia sol.

Os rabanetes no canteiro pulam as cabecinhas de fora.

Os armários das velhas casas estalam. Antigos baús são abertos, dia ruim para as traças. Há medo de vampiro na cidade.

Asinhas encharcadas, filhotes de pardais caem das árvores e se afogam nas poças.

As vovozinhas choram de frio na beira do fogão de lenha. Cães arranham a porta, licença para entrar. A sopa de caldo de feijão, epa! te queimou a língua.

Mesmo com chuva, há pares de namorados à sombra das árvores. Nem a chuva tira uma solteirona da janela.

Chapinhando as poças investe uma trinca de gordalhufas – pra cá pra lá, bundalhões hotentotes tremelicantes!

Senhor, tão bom se não chovesse. Ah, não chovesse, eu usaria barbicha. Não tivesse chovido eu casava com a Lia e não a Raquel.

Pra onde fogem os sorveteiros quando chove? Se chove, mais difícil enfrentar o vento sul sem perder o chapéu. Homens chegam em casa esfregam o pé no capacho e sentam para comer, dizendo: *chuva desgracida*.

Uma rosa no teu jardim abre as mil pálpebras do único olho.

O vento despenteia a cabeleira da chuva sobre os telhados.

Mesmo quando para a chuva, as árvores continuam chovendo.

A chuva lava o rosto dos teus mortos queridos. ■

CONTOS | **DALTON TREVISAN**

O ANJO

É um anjo, não há dúvida: apalpo, um tantinho gordo e cheiro, um pouco suado. Tem uns apóstolos-suspeitos, que inventam cada milagre! Um anjo, para falar a verdade, decaído, sujo, asa esquerda rasgada. Ao que se soube, dera um salto duplo (tentativa sacrílega de suicídio?) do terceiro vitral na igreja do Bom Jesus.

Feliz da vida, agora se diverte atirando batatinha frita na cabeça das damas da noite que às três da matina tomam sopa de cebola no Bar do Luís. Saúda pelo nome quem chega, sabe os segredos íntimos de todo mundo, cafifas, bofes e coronéis.

De repente a confusão: acusa um guarda-noturno de ter-lhe surrupiado o relógio de pulso (anjo, é sabido, odeia relógio). O guarda exige sua carteira de identidade, ele declara a condição de anjo --- epa! leva um murro no olho.

O anjo numa cuspidela muda-o em botelha de rum da Jamaica, que bebemos todos, o anjo a piscar o olhinho roxo.

Senta uma dama alegre no colo e quer por força um ósculo (linguagem de anjo, ósculo!). Ela se nega, a boca é para beijar o filhinho. O anjo a arrasta pelos cabelos para baixo da mesa onde, entre ossos de frango e espuma de cerveja, dorme por sete dias (na versão de-jornais sensacionalistas).

Invocado, o anjo estranha a costeleta do leiteiro que chega manhã cedinho. Xinga-o de quanto nome feio, o leiteiro saca uma navalha, epa! risca em cruz o nariz do anjo. Esse não pode ver sangue e cai durinho de costas.

Pronto levanta, sacode o pó da asa em frangalhos, cadê o leiteiro? Se escafedeu, longe na carrocinha a galope. Tempo de afastar a atenção geral. Pudera, um anjo baderneiro!

Estala os dedos: encarna as moscas sobre a mesa em bombons de licor, que oferece às musas dos inferninhos. E os garçons em aves do paraíso que se penduram nos globos de luz.

Nessa hora, para ver o anjo, há barricadas nas portas e feros combates na cozinha.

O fim do anjo é triste: surge do meio do nada o maestro Remo de Pérsis e, abraçados, rompem em dó de peito a protofonia do Guarani.

Fatal: antes que puxe do braço uma terceira asa de reserva... Ai, não, linchado pela multidão em fúria. Aos berros de *Morte ao tarado!*

Mortinho, ninguém mais duvida. É anjo de verdade, na roupinha nova de marinheiro.

Ainda não vi outro anjo. ■

ROMA

De Roma eu lembro da sede e dos degraus na rua. Inútil falar de qualquer monumento. Só da sede que me resseca a língua, andando nas ruas com escadas.

Soube pela primeira vez do sol em Roma ao ver as pessoas em fuga rente às fachadas brancas. Nas ruas todos seguem de cabeça baixa no lado da sombra. Atravessar uma praça é salto mortal de olho fechado na piscina ofuscante de luz.

Pela manhã ao erguer a cabeça do travesseiro você deixa a tua face molhada no lenço de Verônica.

Posso lavar o rosto com o próprio suor do rosto. Um fósforo aceso não apaga, queima até o fim.

Do vento em junho aqui não há notícia. Esses nichos nas fachadas, com a imagem de santos em santos louça, as únicas manhas negras nos paredões de luz.

Na próxima esquina eu mergulho a cabeça debaixo da fonte. Na seguinte, morrendo de sede, bebo na concha da mão a água cuspida por feias carrancas de pedra.

Os museus são corredores frescos, por onde passeio com sono e sede. Lá fora, as ruínas no meio da cidade --- da história antiga ou da última guerra?

É a estação do sol, do prato fundo de macarrão com garfo e colher, do vinho e, muito mais, da água. Ao refrigério das fontes luminosas me acolho para sentir no rosto os pingos do repuxo.

Paisagem menos de palácio, museu, estátua que das poderosas romanas. Nutrientes fatias de polenta na chapa. Nalgas fornidas, a pé ou de vespa, os longos cabelos esvoaçantes ao vento, num bando de anjos barulhentos.

Suas prendas têm mais cores que as madonas dos museus. Elas, sim, as próprias madonas vivas.

A carne, o osso --- ah, esses braços nus roubados da Vitória de Samotrácia!

Como entender a estátua se não viu a moça, vera loba romana? Ode a uma urna de água fresca do Tibre na epifania do amor.

Ó jarra de vinho generoso para matar a tua sede! ■

Dalton Trevisan é autor dos livros *O vampiro de Curitiba*, *A polaquinha* e *O maníaco do olho verde*, entre outros títulos. Sua obra foi traduzida para diversos idiomas, como o inglês, o espanhol e o italiano. Em 2012, Trevisan ganhou o prêmio Camões de literatura. O autor vive em Curitiba (PR).

PERFIL DO LEITOR | **BERNARDO VILHENA**

Carlos Miller

A poesia é para sempre

Autor de clássicos do rock nacional dos anos 1980, o letrista revela ser um grande leitor de romances e crônicas – mas destaca a força permanente do poema

OMAR GODOY

Bernardo Vilhena não lembra do primeiro livro que leu. Mas não esquece do primeiro que releu: *Cantos populares do Brasil,* compilação de temas do folclore nacional organizada pelo ensaísta Sílvio Romero no final do Século XIX. "Eu relia incessantemente, fascinado. Escrevi um poema, chamado 'Rapadura', obviamente inspirado na rítmica da cantiga 'Tangolomango'. Só mais tarde, décadas depois, é que eu percebi isso", conta o produtor, curador, poeta e letrista carioca de 64 anos, autor de alguns dos maiores clássicos do *rock* brasileiro dos anos 1980 ("Vida bandida", "Menina veneno", "Vida louca vida", "A vida tem dessas coisas", entre outros).

"Sempre me vi envolvido com música e poesia", diz Vilhena, que repudia a eterna discussão acerca do valor literário da canção popular. "É um debate desnecessário, narcisista. Tem muita poesia que não é poesia, então não dá para dizer que toda letra de música é poesia", afirma. Para ele, a poesia, musicada ou não, sempre está num bom momento — quem oscila são os jornalistas dos cadernos culturais e *publishers* de editoras. "A opinião geral de que 'poesia não vende' demonstra uma falta de conhecimento de *marketing*. Ou uma ideia preconcebida."

Vilhena acredita que muitos poemas e livros de poesia são "para sempre", enquanto os romances têm mais dificuldade de atingir essa perenidade. Isso não significa que a prosa não faça parte de seu percurso literário. Pelo contrário. Seu rol de romancistas preferidos é extenso, a começar pelo autor da primeira obra adulta que leu. "Peguei *Gabriela, cravo e canela* emprestado do meu colega de sala João, filho do Jorge Amado. O livro foi um escândalo na época, e nós só tínhamos 10 anos de idade. Eu guardava o livro embaixo do travesseiro e lia à noite, escondido dos meus pais", lembra.

Ele ainda cita Aldous Huxley, Erico Verissimo, Virginia Wolf, Graham Greene, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar e Nelson Rodrigues, mestre do gênero que, segundo ele, mais influenciou sua produção: a crônica. "O cinema e as artes plásticas são marcantes na minha visão de arte. Mas a crônica é uma referência mais forte para mim. A crônica não precisa de início, nem meio, nem fim. É um sopro, um sentimento, uma visão, um desejo. A crônica educa sem ser didática", diz.

De volta ao universo poético, o letrista fala sobre a importância — nem sempre reconhecida, segundo ele — de Vinicius de Moraes para a sua geração. "O Vinicius foi o cara que tirou a poesia da torre, muito mais do que os moder-

Carol Rosman

> “A opinião geral de que ‘poesia não vende’ demonstra uma falta de conhecimento de *marketing* ou uma ideia preconcebida.”

nistas. Ele sozinho é uma revolução”, afirma o letrista, que também destaca os vários pontos de ruptura da obra do poeta. “Ele se torna um poeta popular num desses pontos. Mas, quando você olha para trás, encontra uma obra densa, clássica, romântica, experimental.”

Bernardo Vilhena também admira o trabalho de três autores “novíssimos”, como ele mesmo define: João Paulo Cuenca (“Tem a voz do momento”), Michel Melamed (“Experimental e corajoso”) e Augusto Guimaraens (“Pela consciência da poesia”). E destaca a pesquisa e o bom texto de Denílson Monteiro em *A Bossa do Lobo*, biografia do compositor, produtor musical e jornalista Ronaldo Bôscoli (seu amigo, morto em 1994).

O gênero biográfico, no entanto, não faz muito a cabeça de Vilhena. Principalmente se o livro tiver a participação da personalidade retratada. “São verdadeiros delírios de vaidades”, diz o autor de “Menina Veneno”, que se posiciona contra a autorização prévia de biografias. “Essa ânsia de controlar tudo é narcisista. A auto-adoração é uma das maiores marcas do fascismo.”

Em vez de personagens, ele prefere ler — e, acima de tudo, escrever — sobre lugares marcados pela música. Já publicou obras que tratam do bairro carioca do Estácio e do bar de rock Bukowski, em Botafogo. Atualmente, prepara uma dobradinha de livro e documentário com foco no Beco das Garrafas, em Copacabana, reduto boêmio que reuniu figuras como Elis Regina, Wilson Simonal, Sergio Mendes e Baden Powell, entre vários outros, nos anos de 1950 e 1960.

Há, também, um projeto de romance iniciado em 2003, mas ainda não concluído. “Do jeito que está, não tenho vontade nem coragem de publicar”, admite o letrista, que segue compondo para artistas como Mario Adnet, Max de Castro e Vespas Mandarinas. ■

RETRATO DE UM ARTISTA | LIEV TOLSTÓI

Ilustração: **José Marconi**

LIEV TOLSTÓI

O autor de romances épicos, como *Guerra e paz*, Liev Nikolaievich Tolstói nasceu em uma nobre família russa, em 1828. Órfão aos 9 anos, foi criado por tias e professores particulares. Iniciou sua vida universitária com estudos orientais e ciências jurídicas, porém, largou cedo a faculdade, voltando à propriedade dos pais com o intuito de educar e oferecer melhores condições aos camponeses. Precursor de ideias revolucionárias e muito propenso à introspecção e um vazio existencialista, Tolstói alista-se para o exército em 1851, e, no ano seguinte, vem a publicar *Infância*, o primeiro volume de uma trilogia autobiográfica, seguido por *Adolescência* (1854) e *Juventude* (1856). Durante a Guerra da Crimeia, atua como oficial do exército, lutando em Sebastopol, e dessa experiência, produz diversos artigos que viriam a introduzi-lo no círculo literário depois da publicação do livro *Os relatos de Sebastopol* (1854). Apesar do grande reconhecimento como romancista, Tolstói escreveu apenas três obras de fôlego: *Guerra e paz* (1865 - 1869), *Anna Kariênina* (1878) e *Ressureição* (1899). Ao lado de Dostoiévski, Turgueniev, Gorki e Tchecov, o autor foi considerado um dos grandes mestres da literatura russa do século XIX. Sua obra é repleta de ensaios sobre seus pontos de vista anticapitalistas, o caminho do protesto pela não violência e a Reforma religiosa. Excomungado da Igreja ortodoxa, passou sua vida desfazendo-se de títulos e bens, e morreu como eremita.

José Marconi é um dos fundadores do grupo Croquis Urbanos Curitiba. Também atua como professor do Departamento de Design Industrial da UTFPR. Possui doutorado em Design da Informação pela Universidade de Reading (2008) e Mestrado em Industrial Design pela Birmingham City University (1992) ambas inglesas. É graduado em Design pela Universidade Federal da Paraíba (1990).